

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO-
POSTRAD**

Izabel Cristina Brum Dias

***Soft Power: em direção a um estudo terminológico pontual
bilíngue em Relações Internacionais***

Brasília,
2017

Izabel Cristina Brum Dias

Soft Power: em direção a um estudo terminológico pontual
bilíngue em Relações Internacionais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Área de Concentração: Estudos da Tradução

Linha de Pesquisa: Tradução e práticas sociodiscursivas

Orientador: Prof Dr. René Gottlieb Strehler

Brasília,

2017

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

DIAS, Izabel Cristina Brum. **Soft Power:** em direção a um estudo terminológico pontual bilíngue em Relações Internacionais. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2017, 89 f. Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução.

BIZ98s Brum Dias, Izabel Cristina
 Soft Power: em direção a um estudo terminológico
 pontual bilíngue em Relações Internacionais / Izabel
 Cristina Brum Dias; orientador René Gottlieb
 Strehler. -- Brasília, 2017.
 88 p.

 Dissertação (Mestrado - Mestrado em Estudos de
 Tradução) -- Universidade de Brasília, 2017.

 1. Terminologia. 2. Tradução. 3. Relações
 Internacionais. 4. Soft power. I. Gottlieb Strehler,
 René , orient. II. Título.

Izabel Cristina Brum Dias

***Soft Power: em direção a um estudo terminológico pontual
bilingue em Relações Internacionais***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Área de Concentração: Estudos da Tradução

Aprovada em _____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. René Gottlieb Strehler (Orientador) – POSTRAD/UnB

Examinador Externo: Prof. Dr. Eiiti Sato – IREL/UnB

Examinadora Interna: Prof.^a Dra. Alice Maria de Araújo Ferreira – POSTRAD/UnB

Suplente: Prof. Dr. Júlio César Neves Monteiro – POSTRAD/UnB

Brasília,

2017

Dedico este trabalho a Deus,
aos meus pais, Argeu e Eva,
ao meu marido, Paulo,
e às minhas filhas, Ana Paula e Manuela.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me tem dado saúde e coragem para enfrentar os desafios da vida.

Meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que participaram desta etapa, e especialmente:

aos meus pais, pelo apoio e incentivo de uma vida inteira;

à minha família, Paulo, Ana e Manu, pelo altruísmo incrível e quase inacreditável;

ao meu orientador, professor Dr. René Gotlieb Strehler, pelo comprometimento e apoio, por seus conselhos e sugestões, sobretudo pelas correções e amizade. Fico realmente muito feliz que você tenha sido o meu orientador, um profissional admirável em quem certamente tentarei me espelhar;

aos queridos professores do mestrado, que me ensinaram tanto;

aos queridos colegas;

aos professores do colegiado de Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá, pelas trocas e conversas nos corredores ao final das reuniões, pelos e-mails respondidos, pelas sugestões de bibliografia. Tiago Luedy, Paula Bastone, Lourrene Maffra, lhes serei sempre grata;

à professora Dr^a. Alice Maria de Araújo Ferreira, pelas aulas maravilhosas e por estar em minha banca de defesa;

E ao professor Dr. Eiiti Sato, que gentilmente nos atendeu no XX Encontro Nacional de Estudantes de Relações Internacionais, em 2015, e, posteriormente, em sua sala, na Universidade de Brasília, cedendo parte de seu tempo e de suas referências bibliográficas, compartilhando algumas ideias sobre o tema. Uma honra tê-lo na banca defesa.

RESUMO

As Relações Internacionais são uma área do conhecimento que, pela própria natureza, envolvem as relações entre Estados, organismos e indivíduos de diferentes nacionalidades e línguas. Nestas relações, inserem-se a tradução de maneira geral e a tradução das linguagens de especialidade, ou tradução terminológica. Este trabalho tem por objetivo a realização dos passos de um estudo terminológico pontual bilíngue, com vistas à análise da tradução de alguns termos para o português brasileiro do renomado cientista político americano Joseph Samuel Nye Jr., em sua obra *Soft Power: the means to success in world politics*. A pesquisa visa uma aplicação didática para acadêmicos de RI e outros interessados na temática sobre questões de terminologia e da tradução de textos da área, enquanto busca conscientizá-los no que tange à necessidade de uma comunicação de qualidade, desde a etapa da formação acadêmica até o exercício da profissão. Essa comunicação de qualidade entre especialistas é refletida pelo uso dos termos que a caracterizam, o que envolve, inclusive, o conhecimento de língua estrangeira e escolhas de tradução. São apresentados um histórico sobre o surgimento das RI como área do conhecimento e seu início e desenvolvimento no Brasil. São estudadas as ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia; a metodologia da pesquisa em terminologia, além da natureza e bases da realização de um estudo terminológico pontual bilíngue. São exibidas as perguntas que norteiam o estudo, as traduções encontradas para os termos de Nye e as reflexões sobre os achados através das fichas de consulta. Em conclusão, são discutidos os resultados, e pondera-se sobre a importância da reflexão a respeito dos efeitos da tradução na comunicação especializada, neste caso, na linguagem das RI.

Palavras-Chave: Terminologia. Tradução. Relações Internacionais. *Soft Power*.

ABSTRACT

International Relations is a study area which, by nature, involves the relations between States, organisms and individuals from different nationalities and languages. Along these relations, translation in general and specialized translation or terminological translation are inserted. The objective of this work is to perform the steps of a bilingual punctual terminological study in order to analyse the translation into Brazilian portuguese language of some terms of the renowned American political cientist, Joseph Samuel Nye Jr., in his book *Soft Power: the means to success in world politics*. The research aims at a didactic application for IR students and other people interested in topics related to terminology and translation in the area, while intending to make them aware of the necessity of good quality communication from the initial studies from an academic formation to the legal exercise of the profession. This communication of good quality among specialists is shown by the usage of the terms that represent it, which includes certain levels of foreign language knowledge and translation choices. The work includes an IR historical research about the origins of the study area as a knowledge field and its beggining and development in Brazil; studies on lexical sciences, lexicology, lexicography, terminology and terminography, methodology for terminological research and some considerations on the nature and the basis for the conduction of a bilingual punctual terminological study. The questions to guide the research, translations for Nye's terms and reflections about the findings are exhibited on query records. In conclusion, there are discussions about the results and some consideration about the importance of the reflection on the effects of translation in specialized communication, in this case, IR communication.

Keywords: Terminology. Translation. International Relations. Soft Power.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Modelo de ficha de consulta	61
Quadro 2: Ficha 01	66
Quadro 3: Ficha 02	70
Quadro 4: Quadro de equivalentes encontrados para soft power	72
Quadro 5: Quadro de equivalentes encontrados para hard power	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAEPM – Centro de Altos Estudos da Escola Superior de Propaganda e Marketing

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior

CAES – Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa

FUNAG – Fundação Alexandre de Gusmão

IBRI – Instituto Brasileiro de Relações Internacionais

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada

RI – Relações Internacionais

UnB – Universidade de Brasília

Unifap – Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. <i>SOFT POWER</i>: EM DIREÇÃO A UM ESTUDO TERMINOLÓGICO PONTUAL BILÍNGUE EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS	13
1.1 O surgimento das Relações Internacionais como campo de estudos	16
1.2 As Relações Internacionais no Brasil	17
1.3 O autor Joseph Samuel Nye Jr.	19
1.4 A obra <i>Soft Power: the means to success in world politics</i>	23
2. REFERENCIAL TEÓRICO	33
2.1 Lexicologia e lexicografia	34
2.1.1 Terminologia, terminografia e linguagens de especialidade	36
2.2 Questões de tradução	38
2.2.1 Unidade de tradução e unidade terminológica	41
2.2.2 Tradução e equivalência	44
3. METODOLOGIA DA PESQUISA TERMINOLÓGICA	48
3.1 Bibliografia de referência e classificação do conhecimento especializado	50
3.2 Os especialistas, a seleção do <i>corpus</i> e o público-alvo	52
3.3 O caráter descritivo da pesquisa e sua dimensão	53
3.4 Seleção dos termos e elaboração de definições	55
3.5 As fichas de consulta	58
3.6 Etapa final do trabalho e divulgação dos resultados	61
4. RESULTADOS DA PESQUISA	63
4.1 <i>Soft power</i> em Paradoxo do Poder Americano	64
4.2 As fichas de consulta	66
4.2.1 Quadros de equivalentes	72
4.3 Discussão dos resultados	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	80
ANEXO A – ASSOCIAÇÃO ENTRE COMPORTAMENTOS E RECURSOS QUE GERAM <i>HARD E SOFT POWER</i>	86

INTRODUÇÃO

Um estudo terminológico pontual busca responder perguntas ou dúvidas terminológicas levantadas por um determinado usuário quanto a um número restrito de termos (de um a sessenta, aproximadamente). Entende-se, por termo, a unidade que designa um conceito próprio de uma disciplina especializada.¹ Os usuários buscam, na consulta terminológica, a indicação do uso de termos adequados, para que possam expressar-se com qualidade na linguagem de especialidade de sua área. Neste sentido, buscamos, nesta pesquisa, respostas para dúvidas terminológicas na área de Relações Internacionais (RI).

Esta dissertação foi motivada pela experiência vivida por esta professora no ensino de língua inglesa para acadêmicos do curso de RI da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Na vivência entre alunos e professores, surge a questão de problemas de tradução de termos da área do inglês para o português brasileiro, e nasce a intenção de pesquisar sobre a problemática envolvida na tradução de termos de obras não traduzidas para o português. Diante do propósito e do recorte bastante restrito de termos que adotamos neste trabalho, partimos para a investigação, baseando-nos nas premissas de Maria Teresa Cabré (1993), seguidas de contribuições de outros especialistas em terminologia, em busca da realização das principais etapas de um estudo terminológico pontual bilíngue.

Durante as consultas aos professores do colegiado, à procura de teóricos e pesquisadores de referência ainda não traduzidos em RI, surge o nome de Joseph Samuel Nye Jr., cientista político renomado na área. Ao longo do exame de sua bibliografia, encontramos a obra *Soft Power: the means to success in world politics* (2004), a qual, sem tradução para o português (até o momento da pesquisa), apresenta um conjunto de termos cujo hiperônimo² é *power*; destes termos, encontramos variadas traduções e definições em artigos em geral e em obras acadêmicas e científicas no Brasil. Professores do curso de RI da Unifap foram em extremo atenciosos e importantes neste momento de decisão pela escolha da obra como *corpus* do trabalho. A problemática diz respeito às variadas traduções de termos relacionados à teoria do *soft power*, encontradas em textos acadêmicos e científicos que discorrem sobre o assunto no Brasil.

¹ CABRÉ, 1993, p.169.

² Hiperônimo é um termo mais genérico que concede todas as suas características a um segundo termo mais específico. (CABRÉ, 1993, p.202)

O objetivo geral da pesquisa é a realização de uma investigação terminológica, que apresente, como resultado, um trabalho pontual terminológico útil a estudantes e interessados na temática, ao lhes fornecer uma pequena contribuição sobre a tradução de termos em RI. Entre os objetivos específicos, estão: buscar o entendimento e a realização das etapas do trabalho terminológico pontual bilíngue, realizar um estudo sobre teorias da tradução que abarque a pesquisa, fazer uma análise dos dados encontrados na inquirição e provocar uma reflexão sobre a importância da capacitação linguística e terminológica desde o momento da formação acadêmica.

O trabalho possui uma aplicação traducional e didática da terminologia (DESMET, 2002, p.174). Por aplicação traducional e didática entendemos o estudo voltado para a tradução especializada, com desdobramentos didáticos, a serviço da própria aprendizagem da linguagem de especialidade.

A dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro deles traz um breve levantamento de repertórios terminológicos em RI utilizados e produzidos no momento no Brasil, um histórico do surgimento das relações internacionais como campo de estudos e no Brasil, além de dados sobre o autor e sobre a obra escolhida como *corpus*.

No segundo capítulo, apresentamos o referencial teórico, discorrendo sobre as ciências do léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia – e sobre as questões de tradução envolvidas no trabalho terminológico, como das unidades de tradução e unidades terminológicas. Ao final do capítulo, abordamos o tema da tradução e equivalência.

O terceiro capítulo ocupa-se da metodologia da pesquisa terminológica e das etapas da realização do estudo terminológico pontual bilíngue, apresentando: a necessidade de consulta a uma bibliografia de referência e de busca da classificação do conhecimento especializado em questão; a seleção do *corpus* e a definição do público-alvo; o trabalho conjunto com os especialistas; a definição do caráter da pesquisa, bem como de sua dimensão; ainda, a necessidade do trabalho organizado através das fichas de consulta e, finalmente, apresenta princípios sobre a seleção dos termos, elaboração de definições e sobre a forma como os resultados devem ser apresentados.

No quarto e último capítulo, são demonstradas as fichas de consulta com os resultados da pesquisa; a seguir, a discussão destes resultados.

A perspectiva da pesquisa é a de ser descritiva, comparativa (inglês/português) e orientada para a investigação, ensino e formação de indivíduos em RI, no que tange ao estudo do léxico especializado.

Concluimos este estudo com uma reflexão sobre o papel da tradução na disseminação do conhecimento especializado, seu peso e relevância na formação linguística e terminológica de especialistas, e sobre o quanto a comunicação entre especialistas de determinada área pode ser afetada pela tradução terminológica.

1. **SOFT POWER: EM DIREÇÃO A UM ESTUDO TERMINOLÓGICO PONTUAL BILÍNGUE EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Uma vez que esta pesquisa aponte para um estudo terminológico que possa ser útil na formação linguística de futuros especialistas, dela fez parte uma breve investigação sobre alguns repertórios de linguagem relacionados à área utilizados no Brasil, bem como de produtos terminológicos que aqui estão em construção. Passamos a apresentar alguns deles, a começar pelo da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG)³, a qual, através do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI), lançou o Repertório de Política Externa – 2015-2016, com o objetivo de “divulgar para estudantes, pesquisadores e demais interessados, a visão do governo brasileiro sobre os principais temas da agenda internacional e de nossa ação externa, buscando facilitar as iniciativas de pesquisa e estudo de nossa diplomacia” (Disponível em: <www.funag.gov.br>. Acesso em 20/05/16).

O Repertório de Política Externa 2015-2016 teve seus registros iniciados em janeiro de 2015, a partir de mandado da então Presidenta Dilma Rousseff. Segundo o *site* da Funag, estes registros deverão ser “permanentemente atualizados e complementados”. O repertório caracteriza-se pela compilação não de termos, mas de citações ou trechos de discursos de autoridades brasileiras no campo da Política Externa e das Relações Internacionais. Inclusive, aqui se pode perceber facilmente o quão deliberadamente carregados de posicionamentos ideológicos podem ser os repertórios de linguagem, o que vai ao encontro das palavras de Ortigoza e Durão (2009, p.153)

Normalmente, assume-se que livros didáticos e dicionários são textos neutros, impressão que resulta, ao menos em parte, do fato de o(s) sujeito(s) da enunciação parecer(m) estar apagado(s), entretanto os gêneros textuais didáticos têm o mesmo potencial que qualquer outro gênero de texto para legitimar ou modalizar ideologias.

Citamos também o Dicionário de Relações Internacionais (2005), de Guilherme Silva e William Gonçalves, o qual, segundo Polleto (2006), em sua resenha publicada na Revista Brasileira de Política Internacional, é uma resposta a “uma demanda decorrente do crescente

³ A FUNAG, instituída pela Lei 5.717 de 26 de outubro de 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores, que tem entre seus objetivos básicos: realizar e promover atividades culturais e pedagógicas no campo das relações internacionais e da história diplomática do Brasil; realizar e promover estudos e pesquisas sobre problemas atinentes às relações internacionais etc. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/index.php/pt-br/funag> Acesso em: 09/06/16.

interesse profissional e intelectual por temas com implicações globais. [...] garantindo às RI o devido reconhecimento de sua relevância para a produção do conhecimento no mundo contemporâneo”.

Polleto destaca que o dicionário se justifica como um referencial de conceitos de uma área do conhecimento, a qual, apesar de não ser considerada como uma ciência, está em franca expansão, “de forma que não faria mais sentido reservar a ela modestas linhas estancadas em grandes volumes de Ciências Sociais ou Ciência Política” (POLLETO, 2006). O dicionário possui aproximadamente 80 verbetes.

Proposta diferenciada das versões dos repertórios impressos é o projeto financiado pelo Centro de Altos Estudos da Escola Superior de Propaganda e Marketing (CAEPM), com a criação do Glossário bilíngue (inglês-português) multimeios *on-line* colaborativo para aprendizes, baseado em *corpus* especializado da área de Relações Internacionais. O relatório final do projeto, apresentado em 2011⁴, coloca que o glossário (GLOSSIR) consta de 80 termos extraídos de um *corpus* de referência criado para o próprio projeto, disponível no endereço eletrônico <<http://bomlag.wix.com/glossary-of-ir>>. Esta proposta ainda pretende ampliar o escopo do glossário para um *e-learning environment*⁵ de livre acesso, através da adaptação do *site* já existente.

Outra proposta consiste no Dicionário Brasileiro de Relações Internacionais de Rena Signer (2001), que possui cerca de 25 mil termos em quatro idiomas: português, espanhol, inglês e francês. Segundo informações divulgadas pelas editoras:

foi elaborado para dar suporte técnico ao profissional do século XXI, comunicando-se em um mundo globalizado. [...] abrange a linguagem técnica utilizada em administração e gerenciamento, nas operações bancárias e financeiras, no ambiente jurídico e em comércio exterior. Seja em âmbito Latino-Americano, ALCA ou outros mercados, as quatro línguas selecionadas são as oficiais dos blocos econômicos e indispensáveis ao profissional brasileiro às voltas com operações internacionais, **quando é imprescindível expressar-se com perfeita precisão**. Expressões e Termos estão dispostos em blocos numerados, complementados por Índices Remissivos em cores: amarelo (Espanhol); rosa (Inglês); verde (Português) - para facilitar sua pesquisa. (Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/b/renasigner/dicionario-brasileiro-de-relacoes-internacionais/2133309773>>. Acesso em: 13/10/2016, grifo nosso)

⁴ Disponível em: <http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/ana_eliza_1.pdf> Acesso em: 10/10/2016.

⁵ *E-learning environment* é tomado aqui como sinônimo de ambiente virtual de aprendizagem, o qual, segundo Pereira, Schmitt e Dias (s/d), consiste “em mídias que utilizam o cyber espaço para veicular conteúdos e permitir interação entre os atores do processo educativo”. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/artigos/ava/2259532.pdf>. Acesso em: 11/10/2016.

Apesar de tomarmos em consideração que o trecho citado foi elaborado por uma editora e, por conseguinte, possivelmente para fins majoritariamente mercadológicos, chama à atenção a menção à necessidade do uso de expressões de “perfeita precisão” nas operações internacionais. Ideia oposta sustentam os autores do dicionário que apresentamos em sequência.

O Dicionário de Política (em sua 11ª edição, de 1998) de Norberto Bobbio, Nicola Matteuci e Gianfranco Pasquino, publicado pela editora Universidade de Brasília, apesar de não carregar em seu título as relações internacionais, é citado por professores do curso de Relações Internacionais da Unifap como sendo uma das melhores referências para muitos termos utilizados em RI (o que reafirma a natureza multidisciplinar da área). Assim se define o seu público-alvo:

Este **Dicionário de Política** é destinado ao leitor não-especialista, ao homem culto, aos estudantes de segundo grau e nível superior, e a todos os que lêem revistas e jornais políticos, aos que ouvem conferências e discursos, aos que participam de comícios ou que assistem a debates na televisão, dirigidos por políticos profissionais. (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1998, p.ii, grifo nosso)

Em sua introdução (p.v), os autores mencionam a ausência de rigor no uso da maioria dos termos característicos do discurso político, propondo uma visão da realidade de que muitos deles derivam da linguagem comum e, dessa maneira, carregam a “fluidez e a incerteza dos confins” (ibid.), assunto ao qual voltaremos quando tratarmos mais especificamente do discurso de Joseph Nye. O Dicionário de Política possui mais de 1.300 páginas agrupadas em dois volumes, e

oferece uma explicação e uma interpretação simples e possivelmente exaustiva dos principais conceitos que fazem parte do universo do discurso político, expondo sua evolução histórica, analisando sua utilização atual e fazendo referência aos conceitos afins ou contrastivamente antitéticos, indicando autores e obras a eles diretamente ligados. (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1998, p.ii)

Apesar de citarmos aqui um número bastante restrito de dicionários e glossários utilizados no Brasil, esses poucos já apontam a relevância da questão da multidisciplinaridade da área das Relações Internacionais e o peso considerável e determinante desta questão no momento de elaboração de estudos sobre essa linguagem de especialidade. A propósito, até onde pudemos

alcançar, não foram encontradas traduções para os termos pesquisados neste trabalho em repertórios brasileiros.

Ainda sobre as várias disciplinas que contribuem para a caracterização da linguagem de RI, a história das relações internacionais, seu surgimento como campo de estudos no mundo e no Brasil, de certa forma, justificam esse fato.

1.1 O surgimento das Relações Internacionais como campo de estudos

Segundo Garcia, são muitos os condicionantes estruturais e as contradições políticas, ideológicas, econômicas, sociais e culturais inerentes às relações internacionais. Para ele, no jogo internacional, é preciso levar em conta “os fundamentos, as causalidades e as forças que envolvem a ação de múltiplos atores” (GARCIA, 2000, p.xi).

E. Carr (2001, p.4) registra que as questões de política internacional permaneceram durante muito tempo sem a devida e necessária popularização, no sentido de que o povo viesse a interessar-se pelos assuntos relativos ao tema. Tal interesse começa a surgir nos países de língua inglesa, por ocasião dos tratados entre governos. Para E. Carr, esse “foi o primeiro sintoma da demanda pela popularização da política internacional”.

Pensando no contexto e nas forças atuantes no surgimento das Relações Internacionais como campo de estudos, podemos dizer que estão situados especialmente no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais (1919 a 1939, aproximadamente), fato que se deveu ao intuito de promover discussões e reflexões sobre como lidar com os efeitos devastadores da guerra e, ao mesmo tempo, levantar hipóteses sobre a melhor maneira de evitar novos conflitos (SATO, 2015).

A relação entre nações e lideranças nacionais ganha espaço mais amplo nas temáticas dos governantes americanos e ingleses, os quais deram os primeiros passos na trajetória de desenvolvimento de estudos sobre as relações internacionais de forma sistemática, e no que tange a ser tratada enquanto área distinta do conhecimento. Segundo Sato (2015, p.3), as relações internacionais são alvo de atenção desde a Antiguidade, mas nunca haviam sido tratadas de forma independente; pelo contrário, estiveram sempre atreladas aos estudos de História, Filosofia e Direito, por exemplo. E. Carr (2001, p.51) relata que Confúcio e Platão (nos séculos V e IV a.C.) fizeram as primeiras tentativas de criar uma ciência política. No entanto, as primeiras instituições a oferecer oficialmente um programa de estudos na área foram

o *Council of Foreign Relations*, com sede em Nova York, e o *Royal Institute of International Affairs* (o qual ficou conhecido como *Chatam House*), com sede em Londres, o que ocorreu muito tempo depois, em 1920. Segundo Antônio Carlos Lessa (SARAIVA-SERVO, 2005, p.34),

o profissional de Relações Internacionais tem formação superior estabelecida como tal desde os anos 50 nas principais universidades norte-americanas e europeias. Na sequência do surgimento da área de estudos sobre as relações internacionais, que ocorreu especificamente entre a Primeira e a Segunda guerra mundial, como consequência do pensamento idealista que se apoderou das Ciências Políticas e que considerava factível a possibilidade de regular ou prevenir as discórdias entre as nações e, deste modo, evitar novos conflitos daquelas proporções. Na Europa e nos Estados Unidos, o profissional de Relações Internacionais passou a ser formado com o intuito de proceder a análises e estudos acerca da difícil realidade internacional característica da Guerra Fria.

Para E. Carr (2001, p.11), “o desejo passional de evitar a guerra determinou todo o curso e direção iniciais do estudo”. O autor destaca a pouca análise crítica e ênfase nos fins a serem alcançados como características da fase ainda inicial nas ciências políticas. Segundo ele, assim se dá o início de qualquer ciência, que, no princípio, busca apenas seus objetivos, sem necessariamente buscar a análise e o estudo, sendo posterior o estágio de amadurecimento que merece o *status* de ciência.

1.2 As Relações Internacionais no Brasil

No Brasil, o primeiro curso de RI surgiu na Universidade de Brasília, em 1974, mais de cinquenta anos depois de nos Estados Unidos e Europa, e em circunstâncias bastante distintas para um país que não havia experimentado os conflitos vividos pelos países que estiveram diretamente envolvidos na Primeira Guerra Mundial (SATO, 2015).

Para Garcia (2000, p.xi), “O estudo da história das relações internacionais do Brasil vem experimentando significativa evolução nos últimos tempos, tanto em termos de conteúdo e qualidade quanto de volume da produção historiográfica”. Em concordância com Garcia, Paulo Fagundes Vizentini, professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, e pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa, CNPq, afirma que a produção intelectual e os estudos acadêmicos das Relações Internacionais no Brasil “encontram-se disseminados por várias áreas do conhecimento” (SARAIVA-SERVO, 2005, p.17), e que apenas recentemente

passaram a concentrar-se naquele campo específico (o que nos lembra novamente da forte questão multidisciplinar da área).

Quanto à produção editorial brasileira em Relações Internacionais, Vizentini coloca que seu crescimento, aceleração e diversificação estão diretamente ligados à “expansão de cursos nessa área no país a partir da década de 90” (ibid.) e à abertura externa, impulsionada pela globalização e regionalização, e vinculada ao aprofundamento da interdependência e da transnacionalização. O que ocorreu, para ele, foi que todas essas mudanças acabaram por demandar análises especializadas sobre cada fenômeno. Segundo o autor (ibid., p.18), até então, os especialistas na área trabalhavam quase que exclusivamente de forma individual e isolada, e “o pensamento acerca do internacional era quase que restrito ao campo do Itamaraty e a alguns setores das Forças Armadas”. Anteriores a esses estavam “os verdadeiros precursores que constituíam uma espécie de ‘pré-história’ do estudo acadêmico das relações internacionais no país: Pandiá Calógeras com ‘A Política Exterior do Império’ e Helio Vianna com ‘História Diplomática do Brasil’” (ibid.).

No fim dos anos 50, surgiu o Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI), a partir de quando surgem revistas de destaque na área, como a “Política Externa Independente”. O fortalecimento das Relações Internacionais seguiu de forma crescente. De acordo com Vizentini (SARAIVA-CERVO, 2005, p.19), “no período mais recente, trabalhos como os de Amado Cervo e Clodoaldo Bueno em sua História da Política Exterior do Brasil representam a conclusão da transição para uma fase realmente científico-acadêmica na produção bibliográfica”.

Merecem também destaque na história das RI no Brasil as produções realizadas no Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco (CAES) e na Fundação Alexandre Gusmão (Funag) – vinculada ao Ministério da Relações Exteriores – “cujos materiais foram publicados, preenchendo imensas lacunas no campo do estudo das relações bilaterais do Brasil” (SARAIVA-SERVO, 2005, p.20).

Percebe-se claramente, através destas leituras sobre os estudos de Relações Internacionais no Brasil, que a trajetória foi iniciada via diplomacia (i.e., estudos diplomáticos), e gradualmente foi chegando aos âmbitos acadêmico e privado. Porém, quanto à expansão do ensino e da pesquisa, diz Vizentini (ibid., p.22) que o processo ainda enfrentou obstáculos, devido à pouca visibilidade das publicações, que, muitas vezes, acabavam veiculadas em meios de comunicação voltados para o público geral e não especializado. Para ele, apesar do surgimento de periódicos, foi apenas após o avanço da internet que os artigos ganharam mais espaço, em decorrência das facilidades de edição e disseminação. Quanto aos estudos

avançados na área, o professor ainda relata que, pela falta de opções, era comum que os interessados em cursos de mestrado e doutorado buscassem realizá-los em departamentos de estudos correlatos (História, Ciências Políticas etc.) ou no exterior.

Para Pecequilo, além das dificuldades para a realização de estudos avançados, há aproximadamente uma década, a definição do profissional também se tornou uma questão: como seria denominado o profissional de RI? Ainda hoje se pode notar o desconhecimento de muitos quando questionados sobre o nome dado ao profissional que possui essa formação.

Segundo Pecequilo,⁶ isso decorre da própria natureza da área, multidisciplinar e sem habilitações específicas, como sugere Miyamoto, havendo já de início uma confusão. Como indaga Pecequilo, o profissional de relações internacionais é um internacionalista, um bacharel ou um analista de relações internacionais? No momento esses dilemas se revelam nos debates sobre a regulamentação da profissão. Também se deve estar atento à abertura de novas perspectivas, além da área acadêmica e diplomática, existindo uma ampliação para empresas e bancos privados, organismos governamentais e não governamentais, consultorias, partidos políticos e demais entidades. Estas questões, assim como a solidificação do campo dependem, como continuarão dependendo, de uma mobilização ativa dos profissionais da área. (SARAIVA; CERVO, 2005, p.23)

Pouco mais adiante, em sua fala sobre problemas e perspectivas na área, Vizontini (2005, p.30) critica a larga dependência de traduções e de obras produzidas no hemisfério norte sobre outras regiões do globo, o que obriga muitos profissionais da área no Brasil a, muitas vezes, verem essas regiões não sob sua própria ótica, mas sob a de terceiros. Entretanto, o autor conclui sua ideia com uma postura positiva, louvando o trabalho de todos os que contribuíram para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa das Relações Internacionais no Brasil até o momento.

1.3 O autor Joseph Samuel Nye Jr.

Segundo a Wikipedia, Joseph Samuel Nye Jr. nasceu em 19 de janeiro de 1937, em South Orange, Nova Jersey. É cientista político, cofundador (ao lado de Robert Keohane) da Teoria da Interdependência e da Interdependência Complexa nas Relações Internacionais e da Teoria do Neoliberalismo, desenvolvida em 1977. Foi também, ainda segundo a Wikipedia, o

⁶ PECEQUILO, Cristina Soreanu. *Introdução às Relações Internacionais*: temas, atores e visões. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

“pioneiro na teoria do *soft power*” e “sua noção de *smart power* tornou-se popular através de membros da administração de Clinton e, mais recentemente, na administração de Obama”. Atualmente, é professor da Universidade de Serviços Distintos na Universidade de Harvard.

Joseph Nye Jr. formou-se pela *Princeton University* em 1958, e concluiu seu doutorado em Ciências Políticas pela *Harvard University*, onde começou a lecionar em 1964. Além de lecionar, Nye já atuou como reitor em Harvard, e também em três agências governamentais; foi diretor do Conselho de Inteligência Nacional e, entre outras menções honrosas, foi eleito, em 2005, um dos dez estudiosos mais influentes de Relações Internacionais dos Estados Unidos.

Joseph S. Nye Jr., former dean of the Kennedy School of Government at Harvard University, was Chairman of the National Intelligence Council and an Assistant Secretary of Defense in the Clinton Administration. He is the author of several works of nonfiction, including *The Paradox of American Power and Bound to Lead* as well as one novel, *The Power Game*. (NYE, 2004)⁷

Dentre as obras de Nye, passamos a discorrer sobre algumas, incluindo data de publicação e um rápido resumo. Apresentamos dados sobre obras publicadas pelo autor até o ano da publicação da obra que é objeto de nossa pesquisa (2004).

Em 1965, foi lançado *Pan Africanism and East African Integration*, obra na qual Nye toma a iniciativa de avaliar o impacto de um sistema de ideias que os leste africanos⁸ chamam de *PanAfricanism*, relacionadas às situações de integração e unificação.

Em 1971, em *Peace in Parts: integration and conflict in regional organization*, Nye discorre sobre acordos de paz entre estados vizinhos e, ainda, sobre integração econômica regional⁹.

Em 1985, em coautoria com Graham Allison e Albert Carnesale, é publicado *Hawks, Doves and Owls: an agenda for avoiding nuclear war*, em que os autores tratam da questão da segurança nacional e dos estágios práticos que os EUA deveriam realizar para evitar um conflito nuclear com a antiga União Soviética.¹⁰

⁷ Joseph Samuel Nye Jr., ex-reitor da Kennedy School of Government na Harvard University, foi diretor do Conselho Nacional de Inteligência e Secretário Assistente de Defesa na Administração do governo de Clinton. Ele é o autor de inúmeras obras, incluindo *The Paradox of American Power e Bound to Lead*, assim como um romance intitulado *The Power Game*. (Tradução nossa)

⁸ “East africans”. Disponível em: <www.uestia.com>. Acesso em: 08/06/2016.

⁹ Disponível em: <www.goodreads.com>. Acesso em: 08/06/2016.

¹⁰ Disponível em: <www.uestia.com>. Acesso em: 08/06/2016.

Em 1986, é lançado *Nuclear Ethics*, no qual Nye escreve sobre a ética nuclear em meio aos extremos das ideias em favor do armamento nuclear e dos que defendem a sua abolição. Segundo a crítica da obra¹¹, Nye propõe um equilíbrio para as escolhas políticas, e apresenta ideais de esperança para o futuro.

Em 1990, em *Bound to Lead: the changing nature of american power*, Nye trata da natureza mutante do poder americano, tema ao qual viria dedicar um capítulo na obra analisada neste nosso trabalho. Nye prefacia a obra falando sobre a preocupação dos americanos em relação a um declínio nacional, ideia que ele mesmo tenta desconstruir através do que chama de “a verdadeira questão”: como o poder está mudando no contexto da política internacional moderna?¹² (Tradução nossa). Ao longo da obra, o autor traça um panorama sobre as transições de poder, sobre a própria definição de poder no passado, questões de hegemonia na história moderna, equilíbrio do poder no pós-guerra e novos desafios decorrentes das mudanças e transformações nas relações de poder.

Em 2001 (em sua terceira edição), é publicada *Power and Interdependence*, na qual, em coautoria com Robert O. Keohane, Nye escreve sobre suas buscas:

we sought to construct a way of looking at world politics that help us understand the relationships between economics and politics, and patterns of institutionalized international cooperation, while retaining key realist insights about the roles that power and interests play in world politics. (KEOHANE-NYE, 2001, p.xv)¹³

Nesta ocasião, em parceria com Keohane, Nye volta-se para a questão do poder na era da informação e da globalização, discutindo questões sobre interdependência na política mundial; realismo e interdependência complexa; mudança no regime internacional e falência de hegemonias; regimes e relações bilaterais; os Estados Unidos e a interdependência complexa; globalização e a era da informação; poder, interdependência e a era da informação; poder, interdependência e a globalização; multilateralidade.

No capítulo 9, nos chama à atenção a definição de poder:

¹¹ Disponível em: <<http://booksgoogle.com.br>>. Acesso em: 08/06/2016.

¹² “Americans are worried about national decline. [...] Not only is the premise debatable, but it diverts our attention away from the real question: How is power changing in modern international politics?” (Nye, 1990, p.IX)

¹³ “Nós buscamos desenvolver um olhar para o mundo político que nos ajudasse a entender as relações entre economia e política e padrões de cooperação internacional institucionalizada, e que, ao mesmo tempo, conservasse percepções realistas chave sobre os papéis que o poder e os interesses desempenham no mundo político” (Tradução nossa).

Knowledge is power: but what is power? A basic distinction can be made between behavioral power - the ability to obtain the outcomes you want - and resource power - the possession of the resources that are usually associated with the ability to get the outcomes you want. Behavioral power, in turn, can be divided into hard and soft power. Hard power is the ability to get others to do what they otherwise would not do through threat of punishment or promise of reward.[...] Soft power, on the other hand, is the ability to get desired outcomes because others want what you want; it is the ability to achieve desired outcomes through attraction rather than coercion. It works by convincing others to follow or getting them to agree to norms and institutions that produce the desired behavior. Soft power can rest on the appeal of one's ideas or culture or the ability to set the agenda through standards and institutions that shape the preferences of others. It depends largely on the persuasiveness of the free information that an actor seeks to transmit. If a state can make its power legitimate in the eyes of others and establish international institutions that encourage others to define their interests in compatible ways, it may not need to expend as many of its costly traditional economic or military resources.¹⁴ (KEHOANE-NYE, 2001, p.220)

Em *Power and Interdependence*, Nye já apresentava, de forma menos detalhada, as ideias de *hard* e *soft power*, e este último viria a ser o ponto central de sua obra que seria lançada três anos depois.

Em 2002, é feita a publicação de *Understanding International Conflicts: an introduction to Theory and History (4th ed.)*, obra na qual o autor trata de questões teóricas como: o que é política internacional; a ética na política internacional; as origens dos grandes conflitos do século 21; a distribuição do poder; segurança; Guerra Fria; intervenção; instituições e conflitos regionais. Nos dois últimos capítulos, dedica-se às questões de interdependência, globalização, era da informação, encerrando a obra com a pergunta: Uma nova ordem mundial? (NYE, 2002, p.viii).

Ainda em 2002, Joseph S. Nye Jr. lança a obra *The Paradox of American Power: why the world's only superpower can't go it alone*. Os temas dos cinco capítulos são: o colosso

¹⁴ “Conhecimento é poder. Mas o que é o poder? Uma distinção básica pode ser feita entre o poder do comportamento ou das atitudes - a habilidade de obter os resultados desejados - e o poder dos recursos - a posse dos recursos que estão geralmente relacionados com a habilidade de conseguir os resultados que se almeja. O poder comportamental, por sua vez, pode ser dividido entre *hard* e *soft power*. *Hard power* é a habilidade de conseguir que os outros façam aquilo que não fariam através de ameaça de punição ou promessa de recompensas. [...] *Soft power*, por sua vez, é a habilidade de alcançar os objetivos desejados porque os outros desejam o que você deseja; é a habilidade de alcançar objetivos almeçados através da atração, ao invés de coerção. Isso acontece quando se convence outros a segui-lo ou a fazê-los concordarem com as normas e instituições que produzem um determinado comportamento desejado. *Soft power* pode estar no apelo das ideias ou cultura de alguém, na habilidade de organização da agenda através de padrões e instituições que moldem as preferências de outros. Depende, basicamente, da capacidade de persuasão da informação que alguém busca transmitir. Caso um estado possa tornar seu poder legítimo aos olhos dos outros e estabelecer instituições internacionais que encorajem outros a definirem seus interesses de modo compatível com o seu, ele pode não necessitar de tantos gastos com recursos econômicos e militares tradicionais.” (Tradução nossa)

americano, a revolução da informação, a globalização, a frente interna e redefinindo o interesse nacional. Essa é a única obra do autor que, ao longo da pesquisa, encontramos traduzida para o português (pela Editora Unesp). No prefácio, o autor introduz o tópico voltando-se para a relevância dos atentados de 11 de setembro de 2001 para a história e para a reflexão da nação sobre como conduzir as questões relativas ao seu poder e à política externa:

The tragedy on September 11, 2001, was a wake-up call for Americans. We became complacent during the 1990s. After the collapse of the Soviet Union, no country could match or balance us. We had unsurpassed global military, economic, and cultural power. The Gulf War at the beginning of the decade was an easy victory; and at the end of the decade, we bombed Serbia without suffering a single casualty. The economy grew and the stock market boomed. We resembled Britain in its mid-Victorian glory, but with even greater global reach. But Americans were largely indifferent and uncertain about how to shape a foreign policy to guide this power. Polls showed the American public focused on domestic affairs and paying little attention to the rest of the world. (NYE, 2002, p.ix)¹⁵

Logo em seguida, em 2004, o autor viria a publicar a obra que gera as perguntas desta pesquisa e da qual tratamos adiante.

1.4 A obra *Soft Power: the means to success in world politics*

No prefácio de *Soft Power: the means to success in world politics* (2004), Nye relata que, em sua participação no Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça (2003), enquanto estava sentado na plateia, ouviu o Arcebispo George Carey questionando o Secretário de Estado Colin Powell sobre a razão pela qual os Estados Unidos pareciam focar mais em seu *hard power* do que em seu *soft power* (NYE, 2004, p.ix). O autor narra que se interessou especialmente pela pergunta, pois ele próprio havia cunhado o termo *soft power* aproximadamente uma década

¹⁵ “A tragédia do 11 de setembro de 2001, foi um despertar para os americanos. Nós nos tornamos complacentes durante os anos 90. Após o colapso da União Soviética, nenhum país poderia igualar-se ou comparar-se a nós. Nós tínhamos poderes militar, econômico e cultural insuperáveis. A Guerra do Golfo no início da década foi uma vitória fácil; e no final da década, nós bombardeamos a Sérvia sem sofrermos nenhuma perda. A economia cresceu e a bolsa de valores disparou. Nós nos assemelhávamos a Grã-Bretanha em sua glória vitoriana, porém com alcance global ainda maior. Mas os americanos estavam muito indiferentes e incertos sobre como moldar uma política externa que gerenciasse este poder.” (Tradução nossa)

antes.¹⁶ Continuando sua narrativa, Nye conta que, naquele mesmo ano, ele esteve falando sobre o *soft power* em uma conferência copatrocinada pelas Forças Armadas dos EUA, em Washington e, na ocasião, sentiu que a ideia fora bem aceita por militares do mais alto escalão. Porém, o Secretário de Defesa Donald Rumsfeld (que ali estava também como palestrante), quando questionado sobre sua opinião sobre o *soft power*, respondeu que não sabia do que se tratava. O autor denuncia, desta feita, que esse seria parte dos problemas do país: alguns líderes não entendem a importância crucial do *soft power* no mundo pós-11 de setembro de 2001.¹⁷ Referenciando Osama Bin Laden, Nye coloca que “as pessoas gostam de um cavalo forte”, contudo, o poder se manifesta de várias maneiras, e o *soft power* não é sinônimo de fraqueza: é um tipo de poder. Falhar na incorporação dele nas estratégias da nação constitui, para ele, um sério engano.¹⁸

A partir desses relatos, Nye passa a definir o *soft power* e a citar exemplos variados de sua manifestação.

What is soft power? It is the ability to get what you want through attraction rather than coercion or payments. It arises from the attractiveness of a country's culture, political ideals, and policies. When our policies are seen as legitimate in the eyes of others, our soft power is enhanced. America has long had a great deal of soft power. [...] When you can get others to admire your ideals and to want what you want, you do not have to spend as much on sticks and carrots to move them in your direction. Seduction is always more effective than coercion, and many values like democracy, human rights, and individual opportunities are deeply seductive. [...] But attraction can turn to repulsion if we act in an arrogant manner and destroy the real message of our deeper values.¹⁹ (NYE, 2004, preface, p.x)

¹⁶ “I had coined the term ‘soft power’ a decade or so earlier.” (NYE, 2004, p.ix)

¹⁷ “That is part of our problem. Some of our leaders do not understand the crucial importance of soft power in our reordered post-September 11 world.” (NYE, 2004, p.ix)

¹⁸ “As Osama bin Laden observed, people like a strong horse. But power comes in many guises, and soft power is not weakness. It is a form of power, and the failure to incorporate it in our national strategy is a serious mistake.” (NYE, 2004, p.x)

¹⁹ “O que é soft power? É a habilidade de conseguir o que você deseja através de atração, ao invés de coerção ou pagamentos. Ele surge da atratividade da cultura de um país, ideais políticos e políticas. Quando nossas políticas são vistas como legítimas aos olhos dos outros, nosso *soft power* é ampliado. A América possui há muito um elevado *soft power*. [...] Quando você consegue que outros admirem seus ideais e queiram o que você quer, você não tem que gastar muito com sanções e recompensas para movê-los em sua direção. A sedução é sempre mais eficaz que a coerção, e muitos valores como a democracia, direitos humanos e oportunidades individuais são profundamente sedutoras [...] Mas a atração pode tornar-se repulsão se agirmos de maneira arrogante e destruímos a verdadeira mensagem de nossos valores mais profundos.” (Tradução nossa)

Ainda no prefácio, poderíamos dizer que o autor justifica a obra colocando que, apesar do poder americano, os Estados Unidos não são invencíveis ou invulneráveis, comparando o “império americano” ao império romano, e os bárbaros aos terroristas modernos da alta tecnologia.²⁰ Joseph Nye passa à sua reflexão sobre o quanto mais a nação deve investir em seu *soft power*, censurando o governo americano por gastar quatrocentas vezes mais em seu *hard power*:

Americans - and others – face an unprecedented challenge from the dark side of globalization and the privatization of war that has accompanied new technologies. This is properly the focus of our new national security strategy, and is sometimes summarized as a war on terrorism. Like the Cold War, the threats posed by various forms of terrorism will not be resolved quickly, and hard military power will play a vital role. But the U.S. government spends four hundred times more on hard power than on soft power. Like the challenge of the Cold War, this one cannot be met by military power alone. That is why it is so essential that Americans – and others – better understand and apply soft power. Smart power is neither hard nor soft. It is both.²¹ (NYE,2004, p.xi)

O capítulo um, intitulado *The Changing Nature of Power*, trata da natureza do poder e sobre o quanto ela já mudou ao longo dos séculos. Nye coloca que, há mais de quatro séculos, Niccolo Machiavelli aconselhava príncipes e autoridades a terem, antes, a preocupação de serem temidos do que a preocupação de serem amados²². O autor propõe que os tempos mudaram, e que, atualmente, na era da informação e da globalização, as nações devem ponderar sobre a incorporação de novas estratégias para alcançar o poder. Para Nye (2004, p.I), “Winning hearts and minds has always been important, but it is even more so in a global information age”²³. Ele passa, então, a definir poder ao longo de quatro páginas. A ideia central do capítulo

²⁰ “The United States may be more powerful than any other polity since the Roman Empire, but like Rome, America is neither invincible nor invulnerable. Rome did not succumb to the rise of another empire, but to the onslaught of waves of barbarians. As the world wends its way deeper into a struggle with terrorism, it becomes increasingly apparent that many factors lie outside American control.” (NYE, 2004, preface, p.x)

²¹ “Americanos – e outros – se defrontam com um desafio sem precedentes do lado negro da globalização e da privatização da guerra que tem acompanhado as novas tecnologias. Este é propriamente o foco de nossa nova estratégia de segurança nacional, algumas vezes reduzida a uma guerra contra o terrorismo. Assim como na Guerra Fria, as ameaças impostas pelas várias formas de terrorismo não serão resolvidas de maneira rápida, e o poder militar terá um papel vital nesse processo. Mas os Estados Unidos gastam 400 vezes mais em hard power do que em soft power. Como no desafio da Guerra Fria, ele não pode ser enfrentado por meio do poder militar apenas. Por isso é tão essencial que os americanos - e outros – entendam melhor e façam uso do soft power. Smart power não é hard nem soft. É ambos.” (Tradução nossa)

²² “Niccolo Machiavelli advised princes in Italy that it was more important to be feared than to be loved.” (NYE, 2004, p.I)

²³ “Ganhar corações e mentes sempre foi importante, mas é ainda mais na era da informação globalizada.” (Tradução nossa)

talvez seja a de que poucos entendem o que é o poder de fato. Entre definições de dicionários e usos de metáforas, Nye passa a desenvolver suas próprias esclarecimentos. O autor define *soft power* e, na sequência, reserva parte do capítulo para articular sobre suas fontes e limites. Ainda são apresentadas ideias sobre as mudanças ocorridas em torno do papel do poderio militar, como:

But the progress of science technology had contradictory effects on military power over the past century. On the one hand, it made the United States the world's only superpower, with unmatched military might, but at the same time it gradually increased the political and social costs of using military force for conquests.²⁴ (NYE, 2004, p.18-19)

Encaminhando-se para o fechamento do capítulo, Joseph Nye apresenta o terrorismo e a privatização da guerra, relacionando-os ao progresso da democratização da tecnologia e ao próprio *soft power*. Para o autor, “Terrorism depends crucially on soft power for its ultimate victory. It depends on its ability to attract support from the crowd at least as much as its ability to destroy the enemy's will to fight” (NYE, 2004, p.22)²⁵. O tópico redonda na inter-relação entre *hard* e *soft power*, quando Nye faz um balanço entre os dois através de alguns exemplos marcados na história dos Estados Unidos, na Guerra do Iraque e na comunidade internacional. A questão polêmica da intervenção americana no Iraque é analisada enquanto o autor foca na repercussão da atuação dos EUA em seu *soft power*:

In Pakistan, a former diplomat reported that “the US invasion of Iraq is a complete gift to the Islamic parties. People who would otherwise turn up their noses at them are now flocking to their banner. American intelligence and law enforcement officials reported that Al Qaeda and other terrorist groups intensified their recruitment on three continents by “tapping into rising anger about the American campaign for war in Iraq”. After the war, polls found a rise in support for Bin Laden and a fall in the popularity of the United States even in friendly countries such as Indonesia and Jordan. Meanwhile, in Europe polls showed that the way the United States went about the Iraq war had dissipated the outflow of sympathy and goodwill that had followed the September II events. It is still too soon to tell whether the hard-power gains from the war in Iraq will in the long run exceed the soft -power losses, or how

²⁴ “Contudo, o progresso da ciência e da tecnologia teve efeitos contraditórios no poderio militar ao longo do século passado. Por um lado, fez dos Estados Unidos a única superpotência mundial, donos de uma força militar inigualável, mas ao mesmo tempo, gradualmente tornou altos os custos político e social através do uso da força para conquistar.” (Tradução nossa)

²⁵ “O terrorismo depende substancialmente do *soft power* para sua vitória definitiva. Ele depende da sua habilidade para atrair o apoio da multidão pelo menos tanto quanto a sua habilidade de destruir o desejo do inimigo de lutar.” (Tradução nossa)

permanent the later will turn out to be, but the war provided a fascinating case study of the interaction of the two types of power²⁶. (NYE, 2004, p.29)

Finalizando o capítulo, o autor fala sobre as diversas realidades das regiões e nações no mundo, e sobre a importância de três fontes de poder que permanecem relevantes na era da informação globalizada: os poderes militar, econômico e *soft power*.

No capítulo dois, intitulado “*Sources of American Soft Power*”, Nye apresenta recursos que os Estados Unidos possuem e que lhes “fornecem” *soft power*, desde *rankings*, ilustrando as posições de marcas e empresas americanas que ocupam os primeiros lugares, estando entre as melhores do globo, até dados sobre os altos números de publicações de livros e periódicos científicos, o alcance de sua música e os prêmios Nobel de Física, Química e Economia (para citar apenas alguns exemplos). Através de vários gráficos e inúmeros dados, o autor faz um mapeamento do poder de atração dos Estados Unidos da América e, ao mesmo tempo, exhibe uma trajetória de crescimento e queda do antiamericanismo ao longo de quatro períodos, além do pós-11 de setembro e pós-guerra do Iraque, que ocupam lugar especial na obra.

Nye dedica dez páginas para tratar da cultura norte-americana como fonte de *soft power*. Estudantes estrangeiros nos EUA são citados como um meio para estender ou, ainda, promover as boas relações diplomáticas e de amizade entre os países envolvidos. Os intercâmbios científicos e acadêmicos são, para Nye, uma forma de aumentar o *soft power* do país, a exemplo das históricas visitas de cientistas da antiga União Soviética aos EUA, quando “many such scientists became leading proponents of human rights and liberalization inside the Soviet Union”²⁷, diz o autor (ibid., p.45).

O descontentamento e a resistência de alguns com a cultura, os valores e os costumes norte-americanos também estão na pauta de Nye:

²⁶ “No Paquistão, um ex-diplomata relatou que a invasão americana no Iraque é um presente aos partidos islâmicos. Pessoas que antes torciam o nariz para eles, agora reúnem-se ao redor de suas bandeiras. Oficiais da inteligência e de agentes de autoridade americanos relataram que a Al Qaeda e outros grupos terroristas intensificaram seu recrutamento em três continentes, ‘recorrendo ao sentimento de ódio crescente a campanha americana pela guerra no Iraque’. Depois da guerra, as pesquisas apontaram um crescimento no apoio a Bin Laden e uma queda na popularidade dos Estados Unidos, mesmo em países amigáveis, como a Indonésia e a Jordânia. Entrementes, na Europa, as pesquisas mostraram que a maneira como os Estados Unidos agiram na guerra do Iraque havia dissipado a onda de simpatia e solidariedade que haviam seguido o 11 de setembro. Ainda é cedo para dizer se os ganhos advindos do *hard power* na Guerra do Iraque irão exceder as perdas do *soft power*, ou o quão definitivas essas últimas serão, mas a guerra forneceu um caso de estudo fascinante sobre a interação entre os dois tipos de poder.” (Tradução nossa)

²⁷ Muitos destes cientistas tornaram-se os principais proponentes dos direitos humanos e da liberalização dentro da União Soviética. (Tradução nossa)

In addition to its size, the United States has long stood for modernity, which some people regard as threatening to their cultures. In the nineteenth century, Europeans on the Right who resisted industrial society and those on the Left who wanted to reshape it pointed with fear or scorn at America. A similar phenomenon is true today with the growth of globalization. In some areas, there is not only a resentment of American cultural imports, but also of American culture itself. Polls in 2002 found that majorities in 34 of 43 countries agreed with the statement “It’s bad that American ideas and customs are spreading here.”²⁸ (NYE, 2004, p.39)

Ainda no capítulo dois, Joseph Nye trata de políticas, valores domésticos e de política externa como influenciadores nos altos e baixos do *soft power*.

The image of the United States and its attractiveness to others is a composite of many different ideas and attitudes. It depends in part on culture, in part on domestic policies and values, and in part on substance, tactics, and style of our foreign policies. Over the years, these three resources have often produced soft power—the ability to get the outcomes America wanted by attracting rather than coercing others. All three are important, but policy substance and style are both the most volatile and the most susceptible to government control. In any event, we have seen that soft power is not static. Resources change with the changing context. They have varied in the past and will continue to do so in the future.²⁹ (NYE, 2004, p.68)

O capítulo três é intitulado *Other’s Soft Power*, e está voltado para uma observação sobre o *soft power* de outros países e atores não-estatais que, segundo Nye, poderiam auxiliar ou atrapalhar os Estados Unidos na busca pelo alcance de seus objetivos.

O autor faz uma retomada histórica da rivalidade entre EUA e União Soviética, citando, desta última, pontos altos dos apelos comunistas, das conquistas da ciência e do espaço e dos grandes investimentos em educação, artes e esportes, colocando-a repetidamente como a

²⁸ “Além do seu tamanho, os Estados Unidos têm, há muito tempo, representado a modernidade, o que alguns povos consideram ameaçadora às suas culturas. No século XIX, a Europa Oriental que resistia à sociedade industrial e àqueles países da Europa Ocidental que queriam reformatá-la apontavam com temor ou desprezo para a América. Um fenômeno similar hoje é o crescimento da globalização. Em algumas áreas, não há apenas um descontentamento com a importação da cultura americana, mas também com a cultura americana em si. Pesquisas em 2002 revelaram que, de 43 países, 34 concordaram com a afirmação: ‘É algo ruim que as ideias e os costumes americanos estejam se espalhando por aqui.’ ” (Tradução nossa)

²⁹ A imagem dos Estados Unidos e sua atratividade aos outros é um aglomerado de diferentes ideias e atitudes. Depende, em parte, da cultura, em parte de política e valores domésticos e, em parte, da essência, das táticas e do estilo de nossa política externa. Ao longo dos anos, estes três recursos têm produzido *soft power* com frequência – a habilidade de atingir os resultados que a América esperava através da atração, ao contrário da coerção. Os três são importantes, mas estilo e essência política são ambos os mais instáveis e mais suscetíveis ao controle do governo. Em cada evento, percebemos o quanto o *soft power* não é estático. Recursos mudam com a mudança de contexto. Eles variaram no passado e continuarão a fazê-lo no futuro. Tendências históricas da era da Guerra Fria podem não ser bons guias na previsão de fluxos e refluxos do *soft power* americano na guerra contra o terrorismo. (Tradução nossa)

principal competidora ao lado dos Estados Unidos durante muito tempo; porém, vem a concluir que seus esforços não deram grandes resultados no que tange à atratividade.³⁰

Voltando-se para a atualidade, Nye apresenta a Europa como rival mais próxima aos EUA em recursos de *soft power*, e passa, novamente, a tecer uma listagem de atrativos da oponente, dentre os quais estão: arte, literatura, música, *design*, moda e gastronomia, que convidam o mundo todo. A atratividade das línguas europeias – entre as quais estão as dez mais faladas no mundo – também conta muito; o autor acredita que elas acabam criando um elo forte entre a Europa e outros países. Nye compara e coloca os dois mercados em relação de equivalência, mas aponta pesquisas nas quais a Europa é vista como superior aos EUA, em termos de inspiração ou modelo para o futuro.³¹

Nye ainda menciona a política externa da Europa como geradora de seu *soft power*³², além de sua propensão ao multilateralismo em uma comunidade global que tem criticado o unilateralismo.³³ Encerra seus comentários sobre o *soft power* europeu com a afirmativa: “European soft power can be used to help or hurt the United States, depending on how America behaves”³⁴ (ibid., p.83).

Parte do capítulo três é dedicada ao *soft power* asiático, cujo impacto nas artes, moda e gastronomia atingiu outras partes do mundo ao longo de séculos. O autor traz dados sobre a produção industrial da China (entre períodos de crescimento e declínio) e seu rápido desenvolvimento econômico, que melhorou sua reputação e aumentou em muito seu *soft power*.

Nye passa a comentar sobre o sucesso econômico do Japão e destaca a influência positiva que o país teve sobre outros, como Singapura, Coreia do Sul e Malásia, por exemplo. Segundo o autor, eles seguiram a iniciativa japonesa de focar no desenvolvimento estratégico de indústrias e na exportação. Nye acredita que o Japão seja o país asiático com maior potencial de recursos de *soft power*, sendo o primeiro país não ocidental capaz de modernizar-se de

³⁰ “Their efforts did little to increase their attractiveness.” (NYE, 2004, p.74)

³¹ “When the Eastern Europeans were asked which countries would serve as models for their future in terms of economic growth, equality, democracy, and individual freedoms, Western Europe outranked the United States.” (NYE, 2004, p.77)

³² “In addition to its attractive culture and domestic policies, Europe also derives soft power from its foreign policies, which often contribute to global goods.” (ibid., p.80)

³³ In recent years, Europeans have also been more comfortable with and adept at using multilateral institutions than Americans. [...]The European preference for multilateral cooperation has generated a few successes that have increased Europe’s soft power as well as its economic power. (ibid., p.81)

³⁴ O *soft power* europeu pode ser usado tanto para auxiliar quanto para atingir os Estados Unidos, dependendo de como a America se comporte. (Tradução nossa)

maneira equivalente ao Ocidente em termos de rendimentos e tecnologia e, ao mesmo tempo, demonstrar que é possível manter uma cultura original.³⁵ Nye também faz uma descrição de pontos fracos deste país: entre eles, os desafios demográficos.

Finalizando o capítulo três, Nye dedica-se aos atores não-estatais e seus papéis no palco internacional (ibid., p.90), apresentando dados sobre o crescimento de organizações não governamentais e o poder que possuem por meio de contatos transnacionais em favor de causas públicas e dos direitos humanos. Mais uma vez, fica impossível não mencionar o papel da internet nesses processos.

Ao encerrar o capítulo, o autor ainda discorre sobre o *soft power* das organizações religiosas e, também, das extremistas, organizadas para “fazer o mal”, a exemplo de organizações terroristas transnacionais. Ele menciona as organizações, as ideologias islâmicas radicais e a necessidade de encontrar forças e *soft power* em favor da moderação entre diferentes religiões.³⁶

O capítulo quatro, penúltimo da obra, intitula-se *Wielding Soft Power*. Nele, Nye fala sobre como o *soft power* pode ser exercido de fato, observando os planejamentos e resultados obtidos em termos de poder econômico e militar (ainda que em níveis variados), e conclui que não se pode fazer o mesmo em relação ao *soft power*, em decorrência de sua própria natureza.

Soft power is more difficult to wield, because, as we saw in chapter I, many of its crucial resources are outside the control of governments, and their effects depend heavily on acceptance by the receiving audiences. Moreover, soft-power resources often work indirectly by shaping the environment for policy, and sometimes takes years to produce the desired outcomes.³⁷ (NYE, 2004, p.99)

Nye tematiza um histórico de tentativas de alguns países no manejo de *soft power*; entre eles, cita a França, em suas iniciativas nos séculos XVII e XVIII para a promoção de sua cultura

³⁵Japan has more potential soft-power resources than any other Asian country. It is the first non-Western country that was able to fully modernize to the point of equality with the West in income and technology while showing that it is possible to maintain a unique culture.(NYE, 2004, p.85, tradução nossa)

³⁶ “Islamic civilization, the soft power of the Islamists is a disturbing symptom and a warning of the need for Americans and others to find better ways of projecting soft power to strengthen the moderates. Moderate churches and synagogues can play a role with moderate Muslims.” (ibid., p.97)

³⁷ “O *soft power* é mais difícil de ser manejado, pois, como vimos no capítulo I, muitos de seus recursos indispensáveis estão fora do controle dos governos, e seus efeitos dependem essencialmente da aceitação de suas audiências. Além disso, as fontes de *soft power* com frequência trabalham indiretamente na preparação de um ambiente favorável a determinadas políticas, e às vezes leva anos para produzir os resultados desejados.” (ibid., p.99, tradução nossa)

na Europa; também comenta sobre outros países que se beneficiaram do advento do rádio para propagar imagens e ideologias positivas de si mesmos. Nisto, acaba por mencionar que os Estados Unidos não foram os pioneiros, tendo demorado-se para usar informação e cultura com propósitos diplomáticos.³⁸

Uma das ideias mais importantes do capítulo talvez seja a de que, no pós-guerra, o *soft power* foi considerado como de baixo grau de prioridade. O autor denuncia que os EUA estavam mais interessados em outros investimentos, e que ponderavam o *soft power* como algo dispendioso. Para Nye, somente após o 11 de setembro de 2001 os americanos redescobriram a importância dos investimentos em *soft power* (ibid., p.104-105).

Na sequência, toda a continuidade do capítulo quatro é dedicada ao tema da diplomacia pública e suas dimensões. Nye narra algumas algumas dificuldades enfrentadas pelos Estados Unidos quando, na Guerra do Iraque, buscavam apoio de outros países. Para o autor, formar opinião pública é muito importante, porém, torna-se ainda mais importante onde governos autoritários têm sido substituídos por novas democracias.³⁹

Joseph Nye mostra grande preocupação com as dificuldades impostas pela era da informação, contexto no qual fica praticamente impossível controlar a vulgarização das comunicações, as quais deveriam, em alguns momentos, ser direcionadas somente a cidadãos americanos. “Not only do actions need to reinforce words, but also it is important to remember that the same words and images that are most successful in communicating to a domestic audience may have negative effects on a foreign audience”⁴⁰ (ibid., p.112). Entretanto, ao mesmo tempo, propõe que a diplomacia pública não deva ser encarada apenas em um tom de concorrência entre adversários, mas utilizada, inclusive, para ilustrar as intenções de cooperação entre nações, entre instituições multilaterais, e tudo isso com a intenção de promover a manutenção da paz e a luta contra o terrorismo, sempre em favor das democracias (ibid., p.117).

Concluindo o capítulo quatro, Nye lança perspectivas sobre o futuro da diplomacia pública americana, enfatizando que ela precisa de mais apoio por parte do governo, sem se esquecer, contudo, de que os americanos precisam mudar sua postura em relação ao estrangeiro.

³⁸ “The United States was a relative latecomer to the idea of using information and culture for the purposes of diplomacy.” (NYE, 2004, p.101)

³⁹ “Shaping public opinion becomes even more importante where authoritarian governments have been replaced by new democracies.” (ibid., p.105)

⁴⁰ “É importante que as ações reforcem as palavras, mas não apenas isso, é importante que se lembre que as mesmas palavras e imagens que são, em sua maioria, bem-sucedidas nas comunicações para o público doméstico, podem ter efeitos negativos para uma audiência estrangeira.” (ibid., p.112, tradução nossa)

Essa mudança começaria, para o autor, a partir da volta americana ao interesse pelo mundo além do seu, fugindo das visões unilaterais (ibid., p.124-125).

O quinto e último capítulo da obra recebe o título de *Soft Power and American Foreign Policy*. Nele, Joseph Nye inicia sua fala com o tema do antiamericanismo enquanto modismo, espalhando-se por várias partes do mundo após a Guerra do Iraque. O autor afirma que os Estados Unidos devem fugir do erro do ceticismo em relação ao *soft power*, enquanto cita falas de observadores, colunistas e críticos pelo globo a fora. Ele aponta pontos vulneráveis da América e as novas ameaças, como o “terrorismo transnacional”⁴¹ e a falta de credibilidade. Para Nye, o *soft power* não é uma mera questão de popularidade; é um tipo de poder que deve ser bem administrado, com a finalidade de gerar alianças, não devendo ser subestimado, como fazem alguns (ibid., p.132-133).

Em sequência, Nye trata das censuras contra o chamado “imperialismo americano”; alerta o país sobre essa ideia, a qual pode se apresentar sedutora, mas que, por fim, revela-se enganadora. Adverte contra esse pensamento, que não deve servir de norte para a política externa do país.

Devotees of the new imperialism say ‘Don’t be so literal. ‘Empire’ is merely a metaphor.’ But the problem with the metaphor is it implies a control from Washington that is unrealistic, and reinforces the prevailing strong temptations toward unilateralism that are present in Congress and parts of the administration. (...) the costs of the occupation of other countries has become prohibitive in a world of multiple nationalisms, and the legitimacy of empire is broadly challenged.⁴² (NYE, 2004, p.136)

Encaminhando-se para o final do capítulo, sugere, entre outras, mudanças na política doméstica e na diplomacia pública dos Estados Unidos, encerrando com a proposição: “In short, America’s success will depend upon our developing a deeper understanding of the role of soft power and developing a better balance of hard and soft power in our foreign policy. That will be smart power. We have done it before; we can do it again”⁴³.

⁴¹ “*transnational terrorism*” (NYE, 2004, p.129).

⁴² “Devotos do novo imperialismo dizem: ‘Não seja tão literal. Império é meramente uma metáfora’ Mas o problema da metáfora é que ela implica um controle de Washington que é irreal, e reforça as fortes tentações que permanecem em direção ao unilateralismo e estão presentes no Congresso e em partes da administração. [...] Os custos da ocupação de outros países tornaram-se proibidos em um mundo de múltiplas nações, e a legitimidade de um império tornou-se amplamente desafiada.” (Tradução nossa)

⁴³ “Em resumo, o sucesso da América vai depender de nós desenvolvermos um entendimento mais profundo do papel do *soft power* e do desenvolvimento de um equilíbrio maior entre *hard* e *soft power* em nossa política externa. Este será o poder inteligente. Nós já fizemos isto antes, podemos fazê-lo novamente.” (NYE, 2004, p.147)

2. REFERENCIAL TEÓRICO

La dificultad que experimentamos con la “terminología”, tanto en su estudio como materia lingüística como em su mediación práctica, reside en una ignorancia perdonable, que consiste en no tener conciencia de cuán poco sabemos sobre lo que es la información y sobre la complejidad de cualquier proceso de comunicación.⁴⁴ (CABRÉ, 1993, prólogo)

A pesquisa apresentada neste trabalho está situada nos campos epistemológicos da Tradução e da Terminologia. No entanto, antes de observá-los, dedicamos certa atenção às características dos estudos das línguas em um sentido mais geral.

Quanto ao surgimento do léxico das línguas e de sua origem, Biderman (1998, p.92) afirma:

A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência cristalizada em signos lingüísticos: as palavras. Os conceitos, ou significados, são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados surgem as categorizações lingüísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais.

A ampliação dos léxicos das línguas naturais deu-se, segundo Biderman (apud OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p.15), a partir da necessidade das comunidades lingüísticas de nomear e rotular os elementos que surgiam com as novas realidades ao longo dos processos civilizatórios. O desenvolvimento das ciências e das tecnologias também participou desse processo de ampliação em que os léxicos forçosamente passavam a se inserir. Esse processo foi tão constante e tão necessariamente dinâmico que gerou as ciências do léxico.

As ciências dedicadas ao estudo do léxico distinguem-se entre si pelos traços da língua com a qual trabalham. Segundo Strehler e Gorovitz (2011, p.19), “uma língua é composta de regras gramaticais (morfossintaxe), de sons (fonética/fonologia) e de palavras (lexicologia)”. Os traços da língua enfocados definem a ciência com que se trabalha.

⁴⁴ “A dificuldade que experimentamos com a terminologia, tanto em seu estudo como matéria lingüística quanto em sua mediação prática, reside em uma ignorância perdoável, que consiste em não termos a consciência do quão pouco sabemos sobre o que é a informação e sobre a complexidade de qualquer processo de comunicação.” (Tradução nossa)

2.1 Lexicologia e lexicografia

o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. É esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais. (BIDERMAN, 1998, p.91-92)

A ciência dedicada às palavras de uma língua, em sentido amplo, ou seja, ao conjunto de palavras de uma língua, é, inicialmente, a lexicologia.

Para Strehler e Gorovitz (2001, p.20), a lexicologia é a disciplina voltada para os estudos dos léxicos e vocabulários, distinguidos a partir da dicotomia de Saussure entre língua e fala. Os léxicos estão voltados para a língua; os vocabulários, para discursos individuais, como de um autor específico, por exemplo. Aqui, faz-se necessário salientar que as denominações dos repertórios de linguagem podem ser bastante variadas, a depender da acepção teórica que norteia a pesquisa.

Segundo informação do *site* da Academia Brasileira de Letras⁴⁵, “por lexicografia se entende a arte de fazer um dicionário e por lexicologia a ciência que estuda e descreve o léxico de uma língua”. O *site* da ABL anuncia, também, a criação da Comissão de Lexicografia e Lexicologia.

Quanto à história da Lexicografia, Poza (DURÃO, 2009, p.49) descreve:

Los orígenes de esa disciplina hoy tan desarrollada y vital que es la Lexicografía tiene sus orígenes, dentro de nuestra civilización occidental, en los primeros aprendices de filólogos, es decir, en los primeros comentaristas y fijadores de textos homéricos, que se vieron en la necesidad de elaborar listas de vocablos que contenían una explicación a palabras que, por su pertenencia a otras variedades de lengua (diacrónicas, diatópicas), se sentían como ajenas, confusas o de difícil o nula comprensión.⁴⁶

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/lexicologia-e-lexicografia>>. Acesso em: 25/10/2016.

⁴⁶ As origens desta disciplina hoje tão desenvolvida e vital que é a Lexicografia estão, dentro de nossa civilização ocidental, nos primeiros aprendizes de filólogos, ou seja, nos primeiros comentaristas e fixadores de textos homéricos, que se viram na necessidade de elaborar listas de vocábulos que continham uma explicação para palavras que, por pertencerem a variações da língua (diacrônicas ou diatópicas), eram vistas como alheias, confusas ou de difícil compreensão. (Tradução nossa)

Em concordância com Poza, Biderman (1984, p.1) afirma que “Esses precursores do moderno lexicógrafo eram, na verdade, filólogos ou gramáticos, preocupados com a compreensão de textos literários anteriores, ou com a correção de ‘erros’ linguísticos”, e que a verdadeira lexicografia veio a surgir, de fato, somente na modernidade.⁴⁷

Biderman, em “A ciência da lexicografia” (ibid., p.11-16), ainda apresenta as tipologias de obras lexicográficas, citando exemplos de obras na Europa e no Brasil. Entre os tipos de repertórios lexicográficos estão: o dicionário padrão da língua (ou dicionário de uso da língua), o dicionário ideológico ou analógico⁴⁸, o dicionário histórico, o dicionário histórico panorâmico ou etimológico, o dicionário de tipo especial⁴⁹ e o dicionário científico e/ou técnico. Estes últimos são “especialmente dedicados a um domínio do conhecimento” e, para Biderman (ibid., p.15), vem se multiplicando cada vez mais nos tempos contemporâneos, sobretudo por causa da especialização crescente que se verifica em cada ramo da ciência e da técnica.

De extrema importância torna-se, desse modo, o contexto desta pesquisa, pois é este mesmo que define a própria natureza do estudo, conforme Strehler e Gorovitz (2011, p.21): “A distinção entre terminologia e lexicologia se estabelece sobretudo de acordo com as escolhas pragmáticas de cada análise”. Aqui, distanciam-se a lexicologia e a terminologia, mediante o fato de que os estudos terminológicos e as obras terminográficas debruçam-se sobre linguagens específicas, linguagens utilizadas por especialistas e profissionais nas mais variadas áreas do saber.

Apesar do distanciamento, Strehler e Gorovitz (ibid., p.20,21) ressaltam que lexicologia e terminologia são fortemente vinculadas, já que as duas disciplinas trabalham com signos linguísticos, palavras analisáveis nos âmbitos formal e semântico.

Em outras palavras, as línguas de especialidade se situam dentro da língua geral, embora as línguas de especialidade forneçam unidades lexicais para o uso geral, e a língua geral empreste unidades para formar termos nas diferentes áreas.

⁴⁷ “A verdadeira lexicografia, porém, só se vai iniciar nos tempos modernos.” (BIDERMAN, 1998, p.2)

⁴⁸ Organiza os verbetes por campos semânticos, ao invés de seguir a organização alfabética. Para Biderman (p.12), esse tipo de dicionário pode ser questionável e seria válido apenas “para a língua natural para que foi elaborado”.

⁴⁹ O Dicionário de Sinônimos e Locuções da Língua Portuguesa, o Dicionário de Verbos e Regimes e o Dicionário Gramatical do Português Contemporâneo são alguns exemplos.

2.1.1 Terminologia, terminografia e linguagens de especialidade

De acordo com Lee-Jankee, Deslile e Cormier (2013, p.107), a terminologia pode assumir duas acepções diferentes: a de conjunto próprio de termos de um domínio da atividade humana, de um grupo de pessoas ou de um indivíduo; e a de disciplina que tem como objetivo o estudo sistemático, unilíngue ou multilíngue, da denominação das noções pertencentes a domínios da atividade humana e consideradas em seu funcionamento social, com o propósito de ir ao encontro das necessidades de expressão dos usuários.

Levando-se em conta a segunda acepção, a terminologia busca observar, analisar e selecionar termos que sejam característicos de uma área ou linguagem de especialidade para, finalmente, deles fazer um registro sistemático. O resultado do trabalho do terminólogo é a criação de bancos de dados que venham a ser úteis aos usuários, estudiosos ou profissionais de certo domínio. Segundo Pavel e Nolet (2002, p.28), ainda a respeito da utilidade ou propósito de um trabalho terminológico

O terminólogo ajuda o usuário a empregar a terminologia correta, matizando os sinônimos por meio de marcas de uso, explicando e ilustrando o uso mediante observações ou exemplos de uso, e corroborando a informação fornecida pelas referências exatas, extraídas das fontes de informação consultadas.

Lee-Jankee, Deslile e Cormier resumem em duas notas a natureza da atividade e os tipos de pesquisa relacionados à terminologia:

NOTA 1: Baseada em uma teoria que lhe é própria, a terminologia é uma atividade que consiste particularmente em fazer a coleta de termos, analisá-los, consigná-los em papel ou suporte digital, gerar bases de dados terminológicos e, se necessário, criar novos termos.

NOTA 2: Em terminologia, distingue-se a pesquisa pontual, que incide sobre um termo isolado ou um grupo de termos, e a pesquisa temática, que incide sobre o conjunto de termos próprios de um domínio. (LEE-JANKEE; DESLILE; CORMIER, 2013, p.107-108)

Nossa pesquisa é de caráter pontual, enfocando denominações das noções próprias da teoria do *soft power* e de suas traduções (ou não traduções, expressas através da adoção de empréstimos linguísticos) para o português, tópico mais detalhado no capítulo três.

Conforme Cabré (1993, p.25), a terminologia é bastante afetada pelas mudanças sociais da atualidade e, por conseguinte, as necessidades linguísticas têm sido alteradas por variadas razões, a exemplo de:

Las relaciones internacionales, tanto políticas como culturales y económicas, crecen de forma espectacular. De un mercado restringido se pasa al mercado universal. Aparecen las empresas multinacionales. La producción en masa de bienes de consumo exige un mercado cada vez más extenso⁵⁰.

A autora divide a terminologia moderna em quatro períodos fundamentais, sendo que a principal marca do último destes períodos (a partir de 1985) é, para ela, o desenvolvimento da tecnologia, que alterou não apenas as relações sociais como também a quantidade de recursos disponíveis aos terminólogos. Para Cabré, a terminologia ocupa lugar de destaque no surgimento do mercado da linguagem (ibid.)

Cabré (1993, p.32) apresenta as chamadas escolas clássicas de terminologia⁵¹: a austríaca, a soviética e a tcheca, as quais seriam as principais responsáveis pelo surgimento da “ciência terminológica”, dentro da qual se distinguem três orientações diferentes, porém, não excludentes entre si. A primeira orientação considera a terminologia como uma disciplina autônoma e de caráter interdisciplinar, a serviço das disciplinas técnicas ou científicas. A segunda, centra-se na filosofia e interessa-se, basicamente, pela categorização lógica dos sistemas de conceitos e pela organização do conhecimento. A última orientação está centrada na linguística, que considera a terminologia como um subcomponente do léxico da língua geral, e as linguagens de especialidade como subsistemas da língua geral. O tipo de orientação adotado no trabalho é o que define, para Cabré, a sua natureza. A lexicologia abraça uma prática de observação, de estudo e de categorizações do léxico geral da língua a partir do termo e seguindo em direção ao (s) conceito(s) – o processo semasiológico. Já a terminologia, por sua

⁵⁰ As relações internacionais, tanto políticas quanto culturais e econômicas, crescem de forma espetacular. De um mercado restrito passamos a um mercado universal. Surgem as empresas multinacionais. A produção em massa de bens de consumo exige um mercado cada vez mais extenso. (Tradução nossa)

⁵¹ “Dentro de esa <ciencia terminologica> podemos distinguir tres orientaciones diferentes, no excludentes entre sí:

- a) una primera orientacion que considera la terminología una materia autónoma, de carácter interdisciplinario, al servicio de las disciplinas científico-técnicas;
- b) una segunda orientación centrada em la filosofía, que se interesa fundamentalmente por la categorización lógica de los sistemas de conceptos y la organización del conocimiento;
- c) una tercera orientación centrada em la linguística, que considera la terminología como un subcomponente del léxico de la lengua, y los lenguajes de especialidad como subsistema del lenguaje geral.”

vez, faz o processo contrário: segue do conceito em direção ao termo – o chamado processo onomasiológico.

Dentro desta reflexão sobre os processos em terminologia e lexicologia, Cabré (1993) faz a distinção entre os profissionais dedicados a esses estudos, nomeando os que praticam a lexicologia como lexicólogos e os práticos da terminologia como terminólogos. Para Lee-Jankee, Delisle e Cormier (2013, p.108), terminólogo é o especialista da comunicação que estuda sistematicamente a denominação das “noções” próprias de uma esfera de atividade.

Prosseguindo na ponderação sobre a atividade, pode-se dizer que terminografia é justamente a “prática” da terminologia, a ocupação na criação de produtos terminológicos. Nossa pesquisa visa a realização do passo a passo de um estudo terminológico pontual bilíngue, em que investigamos a tradução (inglês-português) de um pequeno grupo de termos em RI. Tal característica carrega consigo a necessidade de reflexão sobre aspectos teóricos da tradução.

2.2 Questões de tradução

Desde el primer contacto con una segunda lengua, el individuo se da cuenta de una certa falta de correspondencia entre sus propias palabras y las de la lengua en cuestión. La traducción no es una mera sustitución de un término por outro.⁵² (MALMBERG, 1982)

Várias são as questões de tradução que podem surgir ao longo de um estudo terminológico bilíngue, a começar pelo perfil do próprio tradutor. Rossi ilustra uma parcela da complexidade do ato tradutório:

todo tradutor traz consigo sua ideia do que é a tradução, e do que significa traduzir. Tal concepção extremamente pessoal – fruto de inúmeras variáveis ligadas à sua própria trajetória, o contexto de aprendizado das línguas, sua formação acadêmica, e aspectos afetivos desenvolvidos em relação à uma língua-cultura – é, na maioria das vezes, inconsciente, manifestando-se no decorrer do ato de traduzir à revelia do tradutor. (FERREIRA; SOUSA; GOROVITZ, 2014, p.85)

Para Rossi, o tradutor deve ter um conhecimento lexical e dos níveis lexicais subjacentes ao texto, pois “as palavras não são apenas palavras. Palavras são conceitos, remetem a visões

⁵² "Desde o primeiro contato com uma segunda língua, o indivíduo se dá conta de uma certa falta de correspondência entre suas próprias palavras e as palavras da língua em questão. A tradução não é uma mera substituição de um termo por outro." (MALMBERG, 1982 apud POZA, 2008, p.56, tradução nossa)

de mundo e a experiências históricas diferenciadas, além de níveis de narratividade diferenciados” (2014, p.85). A autora destaca, ainda (p.88), que o profissional de tradução precisa ter a consciência de que esta é uma atividade inserida em um conjunto de intersecções entre distintas áreas do conhecimento, as quais conferem instrumentos para “analisar e resolver problemas aos quais o tradutor é confrontado” (ibid.).

Conforme Ferreira (2014), o dicionário é um discurso de discursos, e a catalogação de termos de uma esfera do saber exige uma observação criteriosa desses mesmos discursos. A tradução, de fato, não é e nem pode ser uma mera substituição de termos, e há muito que se levar em conta no ato tradutório; tanto que, não sem razão, há variedade de teorias de tradução, às quais o tradutor pode (ou deve) fiar-se ao desenvolver o seu trabalho. Tradução literal? Tradução livre? Tradução estrangeirizadora ou tradução domesticadora? São algumas as dicotomias possíveis dentro do universo da tradução. No entanto, a questão que nos salta aos olhos e nossa principal orientação será o discurso em que o trabalho se insere, sendo este o principal definidor nas observações e análises de traduções – quando contamos, inclusive, com o auxílio indispensável dos especialistas. Lembramos que, até o momento do desenvolvimento desta pesquisa, não foram encontradas traduções da obra *Soft Power: the means to success in world politics* para o português. Segundo Ferreira,

os dicionários bilíngues sustentam o postulado que existe uma equivalência entre duas línguas levando em conta um casal de palavras e apresentam uma tradução interlingual sob a forma de equivalência em língua-meta. A função fundamental de um dicionário bilíngue é a de ser uma ferramenta de tradução, de compreensão de um texto ou de um discurso construído em uma língua diferente da língua do leitor. (FERREIRA; SOUSA; GOROVITZ [Orgs.], 2014, p. 62)

Nesta pesquisa, não estamos em busca da criação de um dicionário, porém, os pressupostos da autora nos são válidos para a construção deste breve estudo. A questão da equivalência pode se tornar uma discussão um tanto quanto extensa entre teóricos que conjecturam a sua própria existência. A ela damos atenção especial na próxima seção.

Ademais, adotamos, em nosso trabalho, a premissa de que problemas de tradução de termos de textos especializados podem ser resolvidos através de estratégias extraídas da própria metodologia da pesquisa terminológica. Essa afirmativa é desenvolvida nas palavras de Lamberti, em um estudo realizado pela autora:

Este estudo teve o objetivo de trazer para o ambiente da tradução de textos técnicos e científicos alguns princípios da pesquisa terminológica que poderiam auxiliar o tradutor na busca do conhecimento de uma área de especialidade. Considera-se que o acesso a esse conhecimento pode ser adquirido a partir da pesquisa terminológica. (ROSCOE-BESSA; SANTOS; LAMBERTI, 2015, p.133)

Em seu trabalho, Lamberti procura fazer uma relação entre a tradução e a terminologia, executando aplicações de princípios da pesquisa terminológica àquela primeira. A partir do momento em que optamos por seguir essas diretrizes, isentamos-nos de realizar, aqui, a eleição de teorias de tradução específicas a orientar o nosso trabalho. Dito isto, passamos a apresentar alguns de seus pressupostos.

Para Lamberti (2015), os princípios da terminologia fornecem a base teórica de apoio à tradução especializada, a começar pelo fato de se dedicarem à busca pela compreensão do funcionamento das linguagens de especialidade. Essa busca, segundo a autora, passa: a) pela organização de uma estrutura conceitual; b) pela apreensão das diversas relações que os termos têm entre si; e c) pela delimitação do significado especializado.

A delimitação da área, bem como o conhecimento da classificação temática, auxiliam o tradutor a fazer com mais segurança relações entre os termos e o estabelecimento de significados. Tal passo inicial também auxilia o tradutor a se certificar da pertinência do termo à área com a qual está trabalhando.

Lamberti (2015, p.128-130) discorre sobre relações conceituais, relações interlinguísticas e colocações como sendo formadoras e reveladoras de um sistema de conceitos que, ao se relacionarem, organizam o conhecimento de uma área de especialidade. Essas relações, apresentadas de formas variadas por diferentes teóricos, são úteis ao tradutor na delimitação do termo, em sua definição, de forma que seus traços distintivos e semelhantes em relação a outros sejam delimitados. Ao final de seu estudo, a autora considera que:

A identificação de uma subárea temática e dos documentos a esta atrelados e a representação das relações semânticas dos conceitos/termos permitem construir conexões conceituais que estruturam o pensamento. E fazer tal construção em duas línguas é fundamental ao tradutor, haja vista que este precisa transmitir o conhecimento especializado de modo preciso e adequado, tendo consciência das relações semânticas entre os conceitos/termos e do uso dada a possibilidade de ocorrência de diversos tipos de variação no âmbito horizontal ou vertical da língua. (ROSCOE-BESSA; SANTOS; LAMBERTI, 2015, p.133)

Batalha e Pontes Jr. (2007, p.12) também expõem sua lista de preocupações para o ato tradutório, dentre as quais destacam: identidade/equivalência, denotação/conotação, forma/conteúdo, tipologia, função e elementos estruturadores do texto. Os autores acreditam que não seria possível organizar um manual de tradução, mas enfatizam a reflexão exaustiva sobre as operações nela envolvidas. Esse é o caminho que percorremos em nossa pesquisa.

Enquanto o enfoque estático da expressão formal e de seu funcionamento convencional dá conta apenas da dimensão da língua, a compreensão global do fenômeno comunicativo, tendo como alvo a interlocução entre um autor e um leitor (ou ainda um tradutor e um “novo” leitor), dá conta do conceito de discurso, enunciação, gestos de fala que os teóricos da tradução generalizam sob o rótulo da linguagem. (BATALHA; PONTES Jr., 2007, p.26)

2.2.1 Unidade de tradução e unidade terminológica

Alves (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000, p.37) afirma que a delimitação das unidades de tradução deve estar de acordo com a tipologia textual do texto de partida. Para ele, essa consciência do tradutor o faz compreender que os textos podem oferecer maior amplitude ou, ao contrário, maior rigidez e mais restrições no momento da delimitação das unidades de tradução. Esta delimitação não é, portanto, estanque.

Para Alves (ibid., p.38),

Unidade de Tradução é um segmento do texto de partida, independente de tamanho e forma específicos, para o qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção do tradutor. Trata-se de um segmento em constante transformação que se modifica segundo as necessidades cognitivas e processuais do tradutor. [...]. Suas características individuais de delimitação e sua extrema mutabilidade contribuem fundamentalmente para que os textos de chegada tenham formas individualizadas e diferenciadas. O foco de atenção e consciência é o fator direcionador e delimitador da UNIDADE DE TRADUÇÃO e é através dela que se torna momentaneamente perceptível.

Alves abre mão, a princípio, de uma definição rígida de unidade de tradução, e aposta no trabalho consciente e dedicado do tradutor, sempre afinado com a tipologia do texto de partida em todo o seu universo e pragmatismo. Fazemos nossas as suas palavras (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000, p.40), adotando como principais diretrizes para o processo

tradutório “o cuidado com os detalhes e a sensibilidade do tradutor para com as necessidades específicas do usuário potencial do texto traduzido”.

Atentos ao universo da pesquisa, destacamos, a princípio, que o discurso em que se insere a teoria do *soft power* não seria altamente padronizado ou rígido em termos de normatização, uma questão tratada nas palavras que introduzem a décima segunda edição do Dicionário de Política (1998, p.v) de Bobbio, Matteucci e Pasquino, e que nos chama à atenção ao longo das análises dos termos e das relações entre eles:

A linguagem política é **notoriamente ambígua**. A maior parte dos termos usados no discurso político tem **significados diversos**. Esta variedade depende, tanto do fato de muitos termos terem passado por longa série de mutações históricas [...] como da circunstância de não existir até hoje uma ciência política tão rigorosa que tenha conseguido determinar e impor, de modo unívoco e universalmente aceito, o significado dos termos habitualmente mais utilizados. **A maior parte destes termos é derivada da linguagem comum e conserva a fluidez e a incerteza dos confins. Da mesma forma, os termos que adquiriram um significado técnico através da elaboração daqueles que usam a linguagem política para fins teóricos** estão entrando continuamente na linguagem da luta política do dia a dia, que muitas vezes é combatida, não o esqueçamos, em grande parte com a arma da palavra, e sofrem variações e transposições de sentido, intencionais e não-intencionais, muitas vezes relevantes (grifo nosso).

Barros (2004, p.16) afirma que as unidades de tradução e as unidades terminológicas não são, de forma alguma, a mesma coisa. Acepções advindas da terminologia apresentam, desta feita, as unidades terminológicas: Lamberti (2015, p.133) afirma que “a unidade terminológica, ou termo, é uma unidade lexical pertencente a uma linguagem de especialidade”. A unidade terminológica é identificada e delimitada, e posteriormente selecionada para a inclusão em um repertório.

Nas palavras de Lee-Jankee, Delisle e Cormier (2013), o termo é uma unidade de significação constituída de uma ou mais palavras que designam uma “noção” unívoca no interior de um domínio de especialidade. Para os autores, o termo também é sinônimo de unidade terminológica, e pode ser simples ou complexo.

Segundo Cabré (1993, p.169), os termos, que são as unidades de base da terminologia, designam os conceitos próprios de cada disciplina especializada.⁵³

⁵³ “Los términos, que son las unidades de base de la terminología, designam los coceptos próprios de cada disciplina especializada.”

Na pesquisa terminológica, a extração dos termos torna-se um tópico de alta relevância, a começar pela necessidade de sua delimitação. Muitos teóricos da linguística, da lexicografia e da terminologia se ocupam desse tema, a exemplo de Strehler e Gorovitz (2011, p. 23): “Na lexicologia, como na terminologia, uma das questões levantadas com frequência é saber se um sintagma corresponde a uma formação livre observada no discurso ou a uma unidade lexical/terminológica mais ou menos cristalizada”.

Os autores apresentam cinco testes possíveis para a verificação dos níveis de cristalização do sintagma, aplicáveis em lexicologia e lexicografia apenas. Para eles, em uma pesquisa terminológica, são os especialistas que devem certificar os termos ou unidades terminológicas.

Conforme Cabré, “aparentemente, os termos não parecem diferir muito das palavras, se considerados a partir de uma perspectiva formal ou semântica; mas se diferenciam nitidamente delas se aplicados critérios pragmáticos e comunicativos”⁵⁴ (Tradução nossa). A autora explica que, dentro do léxico geral da língua, os termos se relacionam muito mais estreitamente com os demais termos da mesma disciplina do que com termos de áreas temáticas diferentes, ou seja, “dentro do discurso os termos se encontram fortemente combinados com outros termos específicos (a fraseologia)”⁵⁵. Dessa maneira, Cabré deixa claro que os termos não são diferenciados do léxico geral da língua por características fonéticas, gramaticais ou morfológicas; pelo contrário, sua estrutura básica coincide com a das palavras do léxico comum. No entanto, ela descreve uma certa tipologia de termos que pode ser de grande valia no momento de identificação e análise. Tal tipologia é descrita sob vários pontos de vista: da forma, da função que desempenham no discurso, do ponto de vista do significado e do ponto de vista da procedência linguística. Quanto à forma, enfocamos, em nosso estudo, os termos que se assemelham por formações a partir de um mesmo hiperônimo. Estes mesmos termos desempenham um papel de destaque no discurso do autor; são termos-chave em torno dos quais ele desenvolve seu discurso. Quanto à procedência linguística, são termos da língua inglesa que se manifestaram de diferentes maneiras, com diferentes traduções, definições ou através de empréstimos em textos brasileiros.

los préstamos son formaciones léxicas que provienen de un sistema lingüístico ajeno y que las lenguas pueden haber incorporado consciente o inconscientemente. [...] La transferencia científica y tecnológica entre países

⁵⁴ “Aparentemente, los términos no parecen diferir mucho de las palabras, considerados desde una perspectiva formal o semántica; pero se diferencian notablemente de ellas si aportamos criterios pragmáticos y comunicativos.” (CABRÉ, 1993, p.169)

⁵⁵ “en el discurso se encuentran frecuentemente combinados con otros términos específicos (la fraseología). (ibid., p.171)

con lenguas diferentes es la causa más frecuente de préstamos terminológicos tomados de la lengua en que se ha creado el producto o la idea original.⁵⁶ (CABRÉ, 1993, p.183)

Quanto aos neologismos, Cabré estabelece que, de maneira geral, a terminologia possui, ao seu dispor, os mesmos recursos e mecanismos de formação de palavras que possui o léxico comum ou geral da língua. A autora apresenta com detalhes recursos formais e funcionais, além de regras para a formação de novos termos, e reitera que essas regras estão sempre associadas às possibilidades estruturais do sistema léxico da língua em questão.

2.2.2 Tradução e equivalência

Com efeito, no que respeita às línguas especializadas e seus léxicos, a terminologia teórica, a tradutologia (teoria da tradução) e a dicionarística plurilíngue (teoria da lexicografia) encontram-se inextricavelmente ligadas por uma problemática comum: a equivalência interlinguística. Ora, podemos constatar facilmente o grande defeito, ou mesmo, o grande silêncio, das obras de referência, quando se trata de explicar a equivalência na terminologia bilíngue ou plurilíngue. Este fato é realmente de espantar, tanto mais que as aplicações mais imediatas da terminologia são o ensino/aprendizagem das línguas especializadas e a tradução dos textos especializados. (DESMET, 2002, p.176)

A equivalência tem há muito se tornado um ponto de discussão, gerando questionamentos entre as teorias de tradução. Existe mesmo equivalência na tradução? Há equivalência entre os termos de duas ou mais línguas estrangeiras? A reflexão sobre este tópico é oportuna, uma vez que buscamos observar a tradução de certos termos relacionados ao *soft power*, de Nye. A obra não possui tradução para o português brasileiro até o momento da pesquisa, porém, é possível encontrarmos algumas traduções (ou empréstimos) em textos jornalísticos ou em trabalhos acadêmicos, por exemplo.

Para Lee-Jankee, Delisle e Cormier (2013, p.50), equivalência é a relação de identidade estabelecida no “discurso” entre duas “unidades de tradução” de línguas diferentes, cuja função discursiva é idêntica ou quase idêntica. Em duas notas, os autores colocam:

⁵⁶ “Os empréstimos são formações lexicais que provêm de um sistema linguístico alheio e que as línguas podem haver incorporado consciente ou inconscientemente. [...] A transferência científica e tecnológica entre países com línguas diferentes é a causa mais frequente de empréstimos terminológicos tomados da língua em que foi criado o produto ou a ideia original.” (Tradução nossa)

NOTA 1 - As equivalências são o resultado de uma <interpretação> cuja função é revelar o <sentido> do <texto de partida>. Elas se dão no ponto de intersecção entre o conhecimento da língua, de um lado, e as realidades a que remetem no texto de partida, de outro, levando em conta todos os parâmetros da comunicação.

NOTA 2 – Considerando as complexas dificuldades em determinados textos (como, por exemplo, em textos poéticos) de se estabelecer uma identidade, seja entre unidades lexicais, seja entre frases inteiras, alguns respeitados teóricos da tradução propõem que se adote, nesses casos no lugar de <equivalência>, o termo <correspondência>, mais adequado por evitar a “ilusão de igualdade” que o termo <equivalência> evoca.

A partir das notas, observa-se a preocupação com os parâmetros da comunicação, ou seja, com o contexto da comunicação e com todo o pragmatismo nela envolvido. As diferenças e semelhanças comunicativas entre as línguas participantes do processo de tradução podem tanto dificultar quanto facilitar a tentativa do tradutor de encontrar identificação entre termos da língua de partida e termos da língua de chegada. Buscamos, em nossa pesquisa, manter o foco na contextualização das unidades terminológicas, seguindo os autores, os quais, entre tantos outros, fazem questão de desmistificar a premissa da equivalência total entre línguas diversas. Os autores, ainda discorrendo sobre equivalência, dizem ser ela um procedimento de tradução que tem como objetivo exprimir a mesma ideia expressa na língua de partida, mas em outra ocasião, na língua de chegada.

Em busca desta relação de identidade entre as unidades de tradução com que trabalhamos, também nos aproximamos de Alba Escalante (FERREIRA; SOUSA; GOROVITZ, 2014, p.21), no que diz respeito ao seu pensamento sobre a tradução: “Entende-se traduzir como uma experiência que implica uma aproximação à linguagem, não só às línguas. Isso requer pensar na existência de um sujeito determinado por sua constituição sócio-histórica”.

Alicia Silvestre Miralles, graduada em Filologia Espânica e Doutora em Linguística, é professora do curso de Letras-Tradução da Universidade de Brasília, e lançou, em 2013, a obra *Materiales: la traducción de textos técnicos y científicos em ELE*, na qual dá expressivas diretrizes sobre a tradução de textos científicos. Entre elas está: “Aunque aparentemente los términos tienen una palabra equivalente a la hora de ser traducidos, no siempre es así. En no pocas ocasiones esto induce a error porque el calco cultural no es posible”⁵⁷ (MIRALLES, 2013, p.11). Esta afirmação confirmaria, de certa forma, a existência de textos que referenciam a

⁵⁷ “Ainda que, aparentemente, os termos possuam uma palavra equivalente na hora de serem traduzidos, nem sempre é assim. Em não poucas ocasiões, este fato induz ao erro pela falta de aplicação do filtro cultural.” (Tradução nossa)

teoria do *soft power* mantendo o termo original em inglês, e a existência de outros que apresentam traduções como “poder brando”, “poder suave”, “poder macio” ou “poder de convencimento”.

Para Lamberti (ROESCOE-BESSA; BELL-SANTOS; LAMBERTI [org.], 2015, p.129), as relações léxico-semânticas são muito significativas para a tradução, sendo de grande valia no reconhecimento de que dois termos pertencentes a línguas distintas possuem os mesmos componentes semânticos e, sendo assim, estão em uma relação de equivalência. Para L’Homme (apud LAMBERTI, 2015, p.129), a equivalência é uma relação semântica entre dois termos que têm o mesmo significado.

Maria Teresa Cabré (1993, p.107), falando sobre o que é uma boa tradução, explica que esta não deve apenas expressar o mesmo conteúdo do texto de partida, mas usar as mesmas palavras que usaria um falante nativo. O desafio se estende à tradução especializada, na qual o usuário seria um especialista na disciplina em questão. Neste caso, segundo a autora, o tradutor, tendo selecionado a temática com que trabalha, deve buscar uma mínima competência no campo de estudo para realizar a tradução com mais segurança dos conteúdos e denominações.

Cabré destaca que o material do tradutor deve trazer contextos que deem informações sobre como utilizar cada unidade de tradução, de maneira a garantir a utilização de denominações que, de fato, correspondam ao conteúdo.

La terminología que los traductores necesitan, además de términos equivalentes en otras lenguas, debe contener contextos que den información sobre como utilizar lingüísticamente cada unidad y, em uma situación óptima, datos sobre el concepto que la denominación expresa, a fin de garantizar que utilizan la forma precisa que corresponde a um determinado contenido. **La equivalencia terminológica es la clave de la terminología multilíngue.** Los autores de diccionarios técnicos bilíngües o multilíngües parten a menudo del principio de que las terminologías reflejan estructuras objetivas de la realidad. Sin embargo, la estructuración de la realidad de una lengua de especialidad puede no coincidir en dos lenguas distintas, especialmente en campos poco estructurados como los de las ciencias humanas o sociales. (CABRÉ, 1993, p.107, grifo nosso)⁵⁸

⁵⁸ “A terminologia que os tradutores necessitam, além dos termos equivalentes em outras línguas, deve conter contextos que deem informações sobre como utilizar lingüísticamente cada unidade e, em uma situação ideal, dados sobre o conceito que a denominação expressa, a fim de garantir que utilizem a forma precisa que corresponde a um determinado conteúdo. A equivalência terminológica é a chave da terminologia multilíngue. Em geral, os autores de dicionários técnicos bilíngües ou multilíngües partem do princípio de que as terminologias refletem estruturas objetivas da realidade. Sem dúvida, a estruturação da realidade de uma linguagem de especialidade pode ou não coincidir em duas línguas distintas, especialmente em campos pouco estruturados como o das ciências humanas ou sociais.”

A assertiva da autora de que a equivalência terminológica é a chave da terminologia multilíngue de certa forma se torna um gigante desafiador para os que, como nós, na presente pesquisa, trabalhamos com linguagem das ciências políticas. Finalmente, surge-nos a válvula de escape, quando Cabré excetua a situação das dificuldades por vezes encontradas nas diferenças de estruturação das realidades de uma linguagem de especialidade em duas ou mais línguas diferentes, e especialmente no caso das ciências humanas e sociais. Mais uma vez se observa que, quando se trata de linguagem, o ideal da equivalência deve ser adequado à realidade linguística de cada contexto de comunicação manifesto no discurso.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA TERMINOLÓGICA

Pesquisadoras como Cabré (1993), Pavel e Nolet (2002), em seus manuais de terminologia, deixam claro que o fazer terminológico carrega em si a necessidade de aplicação de uma metodologia específica de trabalho, na qual a gestão adequada dos dados obtidos ao longo da pesquisa “é que permite seleccionar certos tipos de dados para oferecer produtos terminológicos tais como glossários bilíngues” (PAVEL; NOLET, 2002, p.xix)

Para Cabré (ibid., p.289), o trabalho terminológico nada mais é que a vertente aplicada de uma disciplina teórica, de cujos princípios básicos depende o sucesso do projeto em que se empenha o terminólogo. Segundo a autora (ibid., p.290), entre as tipologias de trabalho está o trabalho pontual plurilíngue, o qual possui metodologia, processo e critérios próprios.

En líneas generales, el trabajo terminológico puntual, en contraste con el trabajo sistemático, concierne a la investigación sobre un término aislado o sobre un conjunto restringido de términos de una misma área temática. El proceso de trabajo puntual suele partir de la consulta que un usuario formula a un servicio terminológico, solicitando respuesta a una cuestión relativa a uno o distintos términos, a cualquiera de sus informaciones. [...] En sentido literal, un trabajo terminológico es puntual si se refiere a cualquier cuestión relativa a un solo término especializado. Los trabajos sobre pequeños conjuntos de términos temáticamente homogéneos también se consideran trabajos puntuales en terminología si bien en este caso nos referimos a ellos como minitrabajos temáticos, o trabajos temáticos puntuales.⁵⁹ (CABRÉ, 1993, p.339)

Cabré explica que o objetivo do trabalho temático pontual é trabalhar um conjunto de conceitos relacionados que fazem parte do mesmo campo temático. Ele difere do trabalho sistemático em amplitude e alcance do objeto de trabalho. No trabalho pontual, em geral, o usuário ou público-alvo busca encontrar uma denominação precisa que aparece em um contexto especializado, e para o qual, talvez, não haja nenhuma resposta satisfatória.

Otra clase de usuarios habituales de los servicios de terminología puntual son los especialistas de un dominio científico-técnico cualquiera que se exigen a sí mismos una cierta calidad expresiva. Al margen de las posibles

⁵⁹ “Em linhas gerais, o trabalho terminológico pontual, em contraste com o trabalho sistemático, concerne à investigação sobre um termo isolado ou sobre um conjunto de termos de uma mesma área temática. O processo de trabalho pontual deve partir da consulta que um usuário formula a um serviço terminológico, solicitando resposta a uma questão relativa a um ou mais termos, ou a qualquer de suas informações. [...] Em sentido literal, um trabalho terminológico é pontual se se refere a qualquer questão relativa a apenas um termo especializado. Os trabalhos sobre pequenos conjuntos de termos tematicamente homogêneos também se consideram trabalhos pontuais em terminologia, apesar de, neste caso, nos referirmos a eles como minitrabalhos temáticos pontuais.” (Tradução nossa)

especificidades que cada consulta puede presentar, un trabajo puntual sigue habitualmente un proceso general constituido por tres fases: la consulta, el trabajo puntual propiamente dicho y la respuesta.⁶⁰ (CABRÉ, 1993, p. 340)

Apesar de não se referir a uma agência de serviço terminológico, este trabalho está baseado nos princípios básicos do trabalho pontual terminológico bilíngue; dedicamo-nos, assim, a responder algumas perguntas sobre a tradução de um grupo de termos relacionados à teoria do *soft power*. Nossa situação de partida – o contexto que gera nosso trabalho pontual terminológico – surgiu da experiência como professora de Língua Inglesa para acadêmicos do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá, atividade com início em outubro/2013. Professores e acadêmicos do curso afirmam haver várias questões de tradução do inglês para o português de termos da área ou a ela correlatos em aberto. No intuito de realizar uma pesquisa terminológica também útil para esses estudantes e interessados na temática, aplicamo-nos a investigar teorias ou termos de autores conceituados em RI que pudessem ilustrar essa problemática, fornecendo dados que confirmassem a assertiva e que acrescentassem conhecimento aos estudos e produções acadêmicas sobre terminologias de autores ainda não traduzidos para o português. Na condição de não especialista da área, acatamos sugestões de professores do curso sobre nomes e temas relevantes; concomitantemente, buscamos o corte e a definição do *corpus* da pesquisa. Entre os teóricos indicados, deparamo-nos com o nome de Joseph Samuel Nye Jr., o qual, em parte de sua bibliografia, vem dedicando-se a temas relativos ao poder, sua natureza e mudança ao longo do tempo. Entre suas obras, encontramos *Soft Power: the means to success in world politics* (2004), ainda não traduzida para o português brasileiro, o que, para alguns especialistas da terminologia, constitui um dos critérios para a escolha da obra a ser trabalhada.

Após algumas pesquisas sobre o tema em português, encontramos, para o termo-chave (*soft power*), várias traduções em textos científicos, jornalísticos e militares. O termo “poder brando” foi localizado em artigos científicos (seguido ou precedido do termo original entre parênteses ou colchetes), como: em dissertação de mestrado de Gueraldi (2005), em artigo do doutor em Relações Internacionais Sarfati (2008), em revistas eletrônicas, como a Amálgama (SANTORO, 2012) etc. Encontramos, de igual modo, o termo “poder suave” em textos jornalísticos, como o de Coelho (2010) para a Folha de São Paulo; no *site* do bacharel e

⁶⁰ “Outra classe de usuários habituais dos serviços de terminologia pontual são os especialistas de um domínio técnico-científico qualquer que exigem de si mesmos uma certa qualidade expressiva. Apesar das especificidades que cada consulta possa apresentar, um trabalho pontual segue habitualmente um processo geral constituído de três fases: a consulta, o trabalho pontual propriamente dito e a resposta.” (Tradução nossa)

especialista em Relações Internacionais Luiz França: *Análise Global – Panorama das Relações Internacionais*; na *Revista Brasileira de Política Internacional* (2005), entre outros. Foi encontrada, ainda, a tradução de *soft power* como “poder macio”, por exemplo, em artigo (MELO, 2015) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Outras traduções identificadas foram “poder de atração” (GUERALDI, 2005) e “poder de convencimento” (Wikipedia). Em vários outros textos, encontramos o uso do termo inglês, caracterizando o empréstimo linguístico; em artigos diversos (CEPALUNI, 2005; DUARTE, 2012), vimos o caso de diferentes definições, como, por exemplo: “a habilidade de obter os resultados desejados”. Por conseguinte, diante destes dados, passamos a nos dedicar a este estudo terminológico pontual com a finalidade de investigar o uso do termo *soft power* (bem como de outros que o acompanham na teoria de Nye) em textos brasileiros. Reiteramos que essa busca tem a intenção de ser útil na reflexão sobre questões de tradução de linguagem de especialidade, bem como de fomentar, nos acadêmicos, a ponderação sobre a importância do conhecimento e apropriação da terminologia de sua área para a promoção de uma futura comunicação especializada considerada qualificada.

3.1 Bibliografia de referência e classificação do conhecimento especializado

O passo seguinte à primeira investigação foi a busca pela bibliografia de referência, o que, para Cabré (1993, p.295), constitui a melhor forma para que um terminólogo não especialista tenha uma ideia geral sobre a matéria. Um dos princípios fundamentais do trabalho terminológico pontual (*ibid.*, p.345) é que cada termo faz parte de uma rede de conceitos dentro de uma área de especialidade. No capítulo 1 do *Manual de Terminologia* de Pavel e Nolet (*Handbook of Terminology*, 2002), as autoras também postulam que o princípio fundamental da terminologia é a pertinência dos termos às áreas temáticas que, por sua vez, são “estruturadas em sistemas de classificação de conhecimentos especializados” (*ibid.*, p.1). Cabré reforça que, ainda que a pesquisa pontual refira-se a apenas um termo, o trabalho deve levar em conta que cada unidade terminológica só é justificada dentro de um campo especializado.

Em nossa pesquisa, dedicamos um capítulo para apresentar, em linhas gerais, a origem da área temática em que está inserida nossa pesquisa terminológica: as Relações Internacionais. Segundo Cabré (p.295), o levantamento do máximo de informações necessárias sobre o tema, de seus conteúdos e marcos (entre eles, o meio profissional em que é desenvolvido), além dos marcos conceituais e científicos é indispensável, pois revela a situação sociolinguística do

domínio em questão. Nesse momento, também é feita a estruturação conceitual do campo e a proposta do plano de trabalho.

Nossa pesquisa concentra-se em conhecimentos especializados sobre o poder/natureza do poder, temática presente nas áreas das Relações Internacionais, Política Internacional e Ciência Política. Na tentativa de ilustrar essas relações, apresentamos a seguinte classificação, baseada na classificação das áreas do conhecimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e do CNPq (Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>> Acesso em: 19/02/17):

1. Ciência Política

1.1. Política Internacional

1.1.2 Relações Internacionais, Bilaterais e Multilaterais

1.1.2.1 Teoria do *Soft Power* (*soft power, hard power, smart power, economic power, military power, coercive power, co-optive power, command power, destructive power etc.*)

Na sequência, apresentamos dados sobre o autor e sobre a obra que constitui o *corpus* desta pesquisa, o que, para Pavel e Nolet, pode auxiliar o pesquisador a desfazer ambiguidades que venham a surgir no processo.

As disciplinas conexas e as tecnologias convergentes podem compartilhar certos conceitos e termos que as designam. Por vezes, um mesmo conceito pode receber designações diferentes, de acordo com a área temática em que se utilize, ou ao mesmo tempo pode designar conceitos diferentes em outras especialidades. Nestes casos, a indicação de área temática suprime qualquer ambiguidade. (PAVEL; NOLET, 2002, p.3, grifo nosso)

Contudo, Cabré (1993, p.289) admite que, apesar de a delimitação da área temática ser de extrema importância, para que se tenha a segurança necessária para o fazer terminológico no caso do pesquisador não-especialista, é necessário que se conte com os especialistas como assessores (PAVEL; NOLET, 2002, p.6), a fim de que todas as distinções e designações necessárias sejam feitas com tranquilidade. Neste trabalho, buscamos a contribuição de alguns professores de RI desde o início da pesquisa, já a partir da escolha do *corpus*.

3.2 Os especialistas, a seleção do *corpus* e o público-alvo

No que tange à pesquisa terminológica,

ela se propõe, primeiramente, a identificar termos que comunicam conhecimentos especializados. Sua função principal consiste em transmitir os conhecimentos especializados e autenticar o uso terminológico. (PAVEL; NOLET, 2002, p.8, grifo nosso)

Professores do curso de RI da Universidade Federal do Amapá nos foram de grande auxílio na indicação da bibliografia que dá suporte ao trabalho, e mostraram-se imensamente solícitos em respostas via *e-mail* ou em conversas breves sobre o assunto. O professor Dr. Eiiti Sato (da Universidade de Brasília) também foi contatado na ocasião do XX ENERI (Encontro Nacional de Estudantes de Relações Internacionais), ocorrido em 2015, na cidade de Brasília/DF, e gentilmente nos cedeu material bibliográfico, além de dois encontros presenciais para tratar sobre o assunto. Durante o XX ENERI, entre palestras e mesas cujas falas foram dirigidas por professores, diplomatas, embaixadores, pesquisadores e teóricos da área, pudemos reafirmar a atualidade do tema, e definir a obra de Nye como nosso *corpus* de trabalho. O *corpus* se constitui como material base da extração dos termos.

A corpus is a collection o texts, written or spoken, usually stored in a computer database. A corpus may be quite small, for example, containing only 50.000 words of text, or very large, containing many millions of words. [...] The plural of corpus is **corpora**. Written texts in corpora might be drawn from books, newspapers, or magazines tha thave been scanned or downloaded eletronically. Other written corpora might contain works of literature, or all the writings of one author (e.g. William Shakespeare). Such corpora help us to see how language is used in contemporary society, how our use of language has changed over time, and how language is used in diferente situations.⁶¹ (MCCARTHY, 2004, p.1)

A definição do público-alvo para o qual se destina a pesquisa é importante para a escolha dos textos do *corpus*, segundo seus graus de cientificidade. Nossa pesquisa selecionou um *corpus* de discurso que poderia ser classificado como científico-pedagógico, pois o autor

⁶¹ “Um corpus é uma coletânea de textos, escritos ou falados, geralmente armazenados em uma base de dados eletrônica. Um corpus pode ser pequeno, por exemplo, contendo apenas 50 mil palavras, ou muito grande, contendo muitos milhões de palavras. [...] O plural de corpus é corpora. Textos escritos de um corpora podem ser extraídos de livros, jornais ou revistas que sejam digitalizados ou baixados eletronicamente. Outros corpora podem conter peças de literatura, ou todos os escritos de um autor (por exemplo, William Shakespeare). Este tipo de corpora nos auxilia a ver como a língua é utilizada na sociedade contemporânea, como o nosso uso da linguagem tem mudado ao longo do tempo, e como a língua é usada em diferentes situações.” (Tradução nossa)

procura explicar e desenvolver de maneira ampla o conceito de *soft power*. Para Strehler e Gorovitz (2011, p.87), o discurso científico-pedagógico

é produzido por professores-pesquisadores e se destina a futuros profissionais de uma determinada área. Nesse discurso, os termos/conceitos são definidos de acordo com a conceitualização compartilhada pelos especialistas; ou seja, o terminólogo pode encontrar, nesses textos, bastantes termos já associados a definições confiáveis. (grifo nosso)

No início da obra, Nye explica que alguns não compreendem corretamente o conceito de *soft power*, tornando-o trivial quando o tratam como uma mera influência da Coca-Cola ou de Hollywood etc., e que ainda mais frustrante para ele é que alguns políticos ignoram a importância do *soft power* americano (NYE, 2004, p.xi)

Nosso público-alvo é composto por estudantes e interessados nas Relações Internacionais, Política Internacional e, mais especificamente, na temática das relações de poder e na Teoria do *Soft Power* de Nye.

3.3 O caráter descritivo da pesquisa e sua dimensão

En el ámbito de las ciencias (teóricas y experimentales) y las técnicas (...) la mayoría de comunicaciones que llevan a cabo son de carácter referencial, y en consecuencia, los textos se sirven de aquellos recursos sintácticos y textuales que permiten dar una información lo mas objetiva y despersonalizada posible.⁶² (CABRÉ, 1993, p.155)

A função de nossa pesquisa é a de ser descritiva, ou seja, nesse caso, em concordância com os pressupostos de Cabré⁶³, não temos finalidades prescritivas. Buscamos fazer referência ao discurso de Nye e à maneira como este é trazido para o português do Brasil (ou, pelo menos, uma pequena parcela deste discurso). No desenvolvimento desta breve pesquisa terminológica, esperamos que a mesma seja proveitosa para a sistematização de conceitos dentro da linguagem de especialidade com que se trabalha, e que possa, ainda, ser válida para a tradução de textos da área e para o uso entre estudiosos do assunto. Contudo, reafirmamos que não temos a

⁶² “No âmbito das ciências (teóricas e experimentais) e das técnicas [...] a maioria das comunicações realizadas são de caráter referencial, e em consequência, os textos se servem de recursos sintáticos e textuais que permitem dar informações da maneira mais objetiva e impessoal possível.”

⁶³ “[...] que se limitan a recopilar los términos de um campo de especialidad sin otra pretensión”

pretensão de prescrever o uso de termos, pois cremos que esse papel cabe a órgãos ou autoridades capacitados para pesquisas, e que tenham efeitos normativos. Em última instância, nossa pesquisa nos leva a privilegiar certas escolhas tradutivas.

Quanto a dimensão do trabalho,

A terminologia é uma matéria de base semântica, e os termos são unidades que relacionam a linguagem e a realidade, que representam objetos da realidade; com os termos, os indivíduos expressam e compartilham pensamentos e organizam a estrutura de base de uma disciplina. A polivalência dos termos se justifica por sua multidimensionalidade. [...] um termo é uma unidade caracterizada de forma complexa por três dimensões: a linguística [...], a cognitiva e a comunicativa. (CABRÉ, 1993, p.93, tradução nossa)⁶⁴

Cabré, portanto, explica que o termo possui caráter referencial, conceitual e simbólico, fazendo dele uma unidade que dá conta de uma realidade, expressa através de uma forma, e que serve para comunicar. Nesta pesquisa, o trabalho está voltado para a dimensão comunicativa e para a manifestação dos termos em um discurso específico.

Sobre as relações baseadas na tridimensionalidade do signo, Cabré coloca que a relação entre conceito e forma tem sido a mais estudada em terminologia e, nesta mesma base, os estudos da univocidade dos signos consiste em uma problemática bastante levantada. A autora afirma que as palavras do léxico comum são quase todas polissêmicas, e que, em terminologia, muito se sustentou que os termos seriam todos monossêmicos e unívocos, ou seja, nas linguagens de especialidade, haveria apenas um termo que corresponderia a um conceito e a apenas àquele conceito. Cabré traz a ideia de que a prática na terminologia aponta para outra realidade, mostrando alguns discursos em que uma mesma forma pode estar relacionada a mais de um conceito.

Os termos possuem expressão (uma denominação) e conteúdo (CABRÉ, 1993, p.195). A autora explica que os conceitos são representações mentais de objetos da realidade, os quais possuem características relevantes que os inserem em uma classe de objetos. Este pertencer a uma classe reflete a taxonomia, a organização de conceitos relacionados dentro de um campo nocional, o que é feito através da análise de cada conceito.

⁶⁴ “La terminología es una materia de base semântica, y los términos son unidades que relacionan el lenguaje y la realidad, que representan objetos de la realidad; con los términos los individuos expresan e intercambian pensamientos y organizan la estructura de base de una disciplina. La polivalencia de los términos se justifica por su multidimensionalidad. [...] un término es una unidad caracterizada de forma compleja por tres dimensiones: la linguística [...], la cognitiva y la comunicativa.”

Um conceito é uma unidade de plano de conteúdo, integrada por um conjunto sistemático de características de distinto tipo. As características do conceito são – como estabelece a norma ISO/R 1087 – cada uma das propriedades que o descrevem. E a expressão do conjunto das características de um conceito constitui sua paráfrase ou definição. (CABRÉ, 1993, p.196, tradução nossa)⁶⁵

Para Cabré, uma descrição conceitual adequada recorre à contraposição de rasgos ou traços distintivos, fator responsável pela diferenciação dos conceitos entre si dentro de um sistema conceitual.

3.4 Seleção dos termos e elaboração de definições

A qualidade de um trabalho terminológico pressupõe o levantamento das unidades que os especialistas realmente utilizam, pressupõe a descrição do uso e, só posteriormente, a avaliação da conveniência da denominação. Por exemplo, na realização de um vocabulário, a confecção de uma base de dados com os termos levantados constitui já, em si mesma, um produto terminológico, mesmo que seja só um passo intermediário para a edição de um dicionário. (BARROS, 2004, p.17)

Segundo Strehler e Gorovitz (2011, p.88), a fase da elaboração da terminologia corresponde propriamente ao trabalho de extração de termos. Para tanto, os autores sugerem dois processos distintos:

Extração de terminologia a partir de documentos em suporte impresso: ler os textos do *corpus* e digitar os termos, definições etc. numa ficha nova ou existente no RepLET.⁶⁶ [...] Extração de documentos a partir de suporte eletrônico. Proceder à busca dos termos usando-se das ferramentas do RepLET disponíveis em ‘Importar’. Em um mesmo projeto, é possível alternar as duas modalidades. Em ambos os casos, é necessário, quanto aos procedimentos a serem adotados, ter uma certa ideia das ocorrências que serão encontradas.

⁶⁵ “Un concepto es una unidad del plano del contenido integrada por un conjunto sistemático de características de distinto tipo. Las características del concepto son – como establece la norma ISO/R 1087 – cada una de las propiedades que lo describen. Y la expresión del conjunto de las características de un concepto, constituye su paráfrases o definición.”

⁶⁶ RepLET é um aplicativo criado pelo professor René G. Strehler (UnB) para a elaboração de projetos terminológicos e a realização de repertórios de qualquer área de especialidade. (STREHLER; GOROVITZ, 2011, p.12)

Para cada ocorrência, é preciso certificar-se de que se trata de um termo ou de uma unidade lexical relativa ao assunto.

A Terminologia tem como unidade-padrão o *termo*, definido pelos organismos internacionais de normalização como “designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito definido em uma língua de especialidade” (ISO 1087, 1990, p.5). O termo é, portanto, uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico. É também chamado de *unidade terminológica*. (BARROS, 2004, p.39)

Strehler e Gorovitz (2011, p.89) sugerem que, para a certificação, o termo seja inserido na base, “associado às informações previamente disponíveis no contexto textual”. Para os casos duvidosos, é recomendável não apenas a consulta aos especialistas, mas o registro de suas observações em um campo da ficha terminológica. Strehler e Gorovitz aconselham, ainda, que alguns trechos do contexto do termo e das informações que o circundam, “ainda que imperfeitos” (ibid., p.89), sejam salvos, a fim de que seja feita uma contextualização das entradas.

No planejamento desta pesquisa, optamos por trabalhar com termos hipônimos⁶⁷ de *power*, desde a descoberta das traduções dos termos referentes a “tipos de poder”, em Nye (2004), para o português. Fizemos a extração através da leitura e digitação dos termos encontrados na obra impressa. Em um segundo momento, digitalizamos a obra e, através da ferramenta de conversão de textos para *txt*. (*newocr*)⁶⁸, preparamos o texto para que se pudesse fazer uma investigação também através dos recursos oferecidos pela ferramenta eletrônica AntConc (3.4.4)⁶⁹.

Para Pavel e Nolet (2002, p. 39),

Se o *corpus* textual estiver disponível na forma impressa, o terminólogo pode extrair os termos manualmente, sublinhando-os e marcando o início e final de cada contexto, de modo que a informação possa ser em seguida transcrita em uma ficha terminológica. Uma outra opção é escanear o texto para obter uma versão eletrônica, o que poderá ser feito através de um programa de extração semi-automática de termos.

⁶⁷ Hipônimo: termo que possui todas as características de outro mais genérico somadas às suas características peculiares, as quais são capazes de distingui-lo. (CABRÉ, 1993, p.202)

⁶⁸ Ferramenta de conversão de formatos de textos.

⁶⁹ Ferramenta eletrônica de concordância e análise textual criada por Laurence Anthony para auxílio em pesquisas envolvendo análises de *corpus*. (Nas referências, tutorial de Laurence Anthony)

Para a análise dos dados, Cabré (1993, p.347) recomenda que o pesquisador conclua as seguintes etapas: identificação e delimitação do termo, registro de sua procedência, registro de sua posição dentro da classificação temática, esclarecimento do conceito que uma denominação representa (através de uma definição, ilustração ou explicação), registro do contexto em que o termo aparece, registro da língua de procedência do termo, categoria gramatical do termo, verificação de que o termo é um termo, identificação de possíveis sinônimos e análise da situação normativa/normalizada do termo na língua de procedência (a própria fonte pode ser um indicativo). Entre os principais materiais de consulta, Cabré cita os documentos escritos (o *corpus* de trabalho), os bancos de dados, caso existam, e as consultas diretas aos especialistas. Para ela, estes últimos são uma das fontes mais eficazes para a solução de problemas terminológicos.

A elaboração das definições exige atenção a 1) aspectos de sistematicidade e adequação, 2) aspectos formais de representação e 3) aspectos de conteúdo (CABRÉ, 1993, p.312). O primeiro aspecto diz respeito à adequação ao campo de estudos, observando-se os destinatários e as finalidades do trabalho. Os aspectos formais englobam 1) redação em letras minúsculas – exceto a letra inicial da primeira palavra, que é o descritor mais geral –, 2) expressões linguísticas sem lacunas de conteúdo – e, nesse sentido, completas –, 3) uso de tom formal e impessoal, evitando a coloquialidade e, por último, 4) devem constar de apenas uma oração (utilizando-se notas para o caso de explicações). Cabré (ibid., p.313) destaca que uma definição deve ser semanticamente adequada, o que acontece apenas quando a mesma possui valor específico dentro do campo especializado que constitui o objeto do trabalho. A definição deve ser semanticamente equivalente ao termo que define.

Segundo Cabré, as denominações são utilizadas para o desenvolvimento e materialização dos próprios campos de trabalho, ou seja, não deve haver lacunas de denominação (ibid., p.345). Para tanto, a autora aconselha que se procure caracterizar de maneira completa o conceito que é objeto de consulta, a fim de que se formule uma definição precisa para o mesmo.

Segundo Pavel e Nolet (2002, p.23), a “definição terminológica é uma fórmula lexicográfica sucinta que descreve os traços semânticos distintivos de um conceito”. Para as autoras, a definição é o meio principal para estabelecer uma equivalência textual, e sua natureza pode variar de acordo com a área temática. Nas áreas técnicas e científicas, caso do presente estudo, “as terminologias fundamentais são validadas mediante as definições citadas em obras de fontes fidedignas”.

Nessas áreas temáticas, a redação da definição deve seguir, de perto, os modelos existentes, sendo as variações estilísticas bem mais limitadas. [...] A definição terminológica é um enunciado sucinto que expõe de forma clara o significado de um conceito especializado. Começa com uma palavra que identifica a classe mais ampla, o genérico a que pertence o conceito, especificando seguidamente os traços ou características essenciais ou distintivas que diferenciam claramente o conceito em questão do resto de conceitos relacionados dessa mesma classe. (PAVEL; NOLET, 2002, p.24)

Em seu Manual de Terminologia, as autoras apresentam alguns modelos de redação de definições, como: definição por gênero próximo e diferença específica, definição por função, definição por descrição de uma ação, definição por paráfrase sinonímica. Pavel e Nolet (p.26) salientam que as definições terminológicas devem ser redigidas de forma clara e concisa, através de enunciados afirmativos, evitando-se redações circulares e fazendo uma descrição dos traços semânticos do termo.

Desmet (2002, p.183) ainda aponta três possibilidades para a elaboração das definições: reproduzir um contexto definitório – quando não existe uma definição formalizada; reproduzir definições formais – quando são fornecidas pelas fontes documentais; e redigir definições a partir do conjunto das informações definitórias recolhidas. Para ela, a terceira constitui o caso mais frequente e, a segunda, a proposta ideal. Ao discorrer sobre o postulado de a definição terminológica possuir apenas uma frase, a autora afirma que “esse critério é um verdadeiro obstáculo para certas ciências, como por exemplo, as ciências sociais e humanas”. Exatamente neste contexto é que se encaixa este trabalho terminológico, o qual mergulha em uma esfera de diálogo multidisciplinar, nem sempre objetivo, muitas vezes vasto, amplo e pouco exato.

3.5 As fichas de consulta

Etapa indispensável do trabalho pontual plurilíngue é o registro das consultas feitas pelos usuários, organizadas nas chamadas “fichas de consulta”. As consultas dos usuários referem-se às próprias perguntas e questões geradoras da pesquisa. Cabré explica que o serviço ou centro terminológico é beneficiado com esse tipo de registro, no caso de futuras consultas de usuários que possam trazer questões aproximadas àquela que está sendo armazenada. Esta ficha de consulta é “un modelo organizado de datos que reúne sobre un determinado soporte un conjunto

de informaciones, que serán necesarias para que un terminólogo pueda resolver cualquier duda planteada sobre un término”⁷⁰.

A ficha consta de três partes: os dados apresentados na consulta; os dados do trabalho pontual; os dados da resposta. Citamos exemplos de algumas perguntas de nossa consulta: “Há um termo em português brasileiro que seja equivalente ao inglês?”, “Das traduções encontradas, qual ou quais as que são aceitas pelos especialistas? ”, “Diante das diferentes traduções encontradas para o termo, há termos sinônimos, ou seja, dois termos a denominar o mesmo conceito? ”, “Em algum desses casos seria recomendada a adoção de empréstimo linguístico, utilizando-se o termo original, ao invés de uma tradução em português?”. Todas estas questões foram inspiradas na pesquisa terminológica pontual de Cabré.

A autora mostra como a maioria das perguntas que surge é relacionada à busca por um termo a denominar certo conceito na língua de chegada; ela esclarece que as questões podem partir de uma caracterização conceitual ou de uma denominação em outra língua. Em nossa pesquisa, partimos, na grande maioria das vezes, da denominação em inglês. Porém, não deixamos de examinar e referenciar os conceitos presentes na obra, a fim de encontrar equivalência semântica entre os termos do inglês para o português. De grande auxílio no processo é a tipologia das consultas e questões elaboradas pela autora, cujos elementos podem ser tanto o ponto de partida como o ponto de chegada da pesquisa. São eles: a denominação ou entrada; a fonte do termo; a categoria gramatical; a área temática em que se utiliza; o significado; o contexto; as equivalências em outras línguas; os sinônimos; a confiabilidade ou o caráter normativo do termo; o âmbito geográfico de uso; etc.

Quanto aos sinônimos, para Strehler e Gorovitz (2011, p.85), o sinônimo é aquele cujo uso semântico-pragmático é semelhante ao do termo concorrente.

No âmbito da organização do trabalho (CABRÉ, 1993, p.343), as perguntas da pesquisa podem ser ordenadas segundo quatro variáveis: sobre o que se desconhece (o que buscamos); o ponto de partida (o que já se conhece); as línguas envolvidas na pesquisa e a finalidade da consulta (as questões). Nossa pesquisa está direcionada para as denominações usadas em português brasileiro para o *soft power* e outros termos ligados ao tema, presentes na obra de Nye (2004); buscamos, também, a resolução sobre as variadas traduções encontradas em variadas fontes, questionando, igualmente, a existência de termos sinônimos no português para as designações em inglês.

⁷⁰ “é um modelo organizado de dados que reúne, sobre um determinado apoio, um conjunto de informações que serão necessárias para que um terminólogo possa resolver qualquer dúvida sobre um termo.” (CABRÉ, 1993, p.341, tradução nossa)

As línguas envolvidas são o inglês e o português brasileiro. Buscamos verificar os dados que já conhecemos sobre termos traduzidos e veiculados na mídia do Brasil através de variados instrumentos, como já exemplificamos no início desta seção. Cabré (1993, p.297) coloca que, na preparação do trabalho terminológico, também é necessário pensar sobre o prestígio das línguas envolvidas. A influência exercida de uma língua sobre a outra deve variar de acordo com o par linguístico envolvido. Em geral, a língua de maior prestígio entre as duas tende a condicionar as estratégias envolvidas nos processos e a veicular a maioria dos termos. Daí o não estranharmos a abundância de empréstimos linguísticos em certas áreas de especialidade, e por que não nas RI?

Para Cabré (p.345), a maior parte do trabalho acontece no momento da organização das fichas, o que, por si só, já traz a solução de várias questões. Enquanto o terminólogo realiza os registros dos dados nas fichas terminológicas, já tem ideia de informações incompletas, faltosas, confusas ou incoerentes, e pode vir a dedicar-se, em seguida, à sua solução. Após a conclusão do preenchimento das fichas, o terminólogo pode elaborar uma resposta provisória para cada uma das questões da consulta.

Pavel e Nolet (2002, p.9) pontuam:

O formato principal de registro dos dados é a ficha terminológica. No mínimo, os dados selecionados e apresentados devem informar o usuário a que áreas temáticas pertence o conceito, as línguas às quais se circunscreve, os termos que designam o conceito em cada uma dessas línguas, a definição do conceito ou qualquer outro tipo de prova textual, e as fontes que documentam essa informação.

A partir desses pressupostos é que buscamos a realização adequada de cada etapa necessária para respeitar o fazer terminológico, examinando os termos de Nye que carreguem, em si, marcas da produção científica do autor, que distingam sua teoria dentre tantas outras, e que possam ser estudadas entre estudantes de RI e interessados no assunto.

Quanto aos dados da resposta, conforme Cabré (1993, p.350-352), procuramos fazer uma síntese dos resultados do trabalho, organizando-a e divulgando-a, de acordo com o modelo proposto pela autora, porém, com algumas modificações. Neste caso, optamos por mesclar os dados da ficha de resposta ao usuário com os dados da terceira parte da ficha de consulta (a dos dados da resposta), uma vez que evitamos a repetição da maioria dos dados, apenas incluindo, como diferencial, os campos: termo selecionado, definição proposta, conclusão geral e bibliografia utilizada. Esta opção sobreveio devido ao fato de não nos constituirmos uma

agência de serviços terminológicos, e de não termos a pretensão de divulgar os resultados simulando tal realidade. A seguir, o modelo da ficha utilizada neste trabalho, já com as referidas modificações e adequações ao nosso contexto.

Quadro 1: Modelo de ficha de consulta

Nº DA FICHA DE CONSULTA:	
DADOS DA CONSULTA	
1. Situação de partida: as perguntas geradoras da consulta em busca da verificação da tradução do termo para o português brasileiro	Pergunta A: Pergunta B: Pergunta C: (...)
2. A entrada:	
3. A fonte do termo:	
4. Categoria gramatical do termo:	
5. Significado ou atributos do termo (em inglês/extraídos do <i>corpus</i>) /contexto:	
6. Equivalências encontradas no PT brasileiro:	
7. Adoção do empréstimo apenas (fontes):	
DADOS DO TRABALHO PONTUAL	
1. Análise dos dados da consulta	
2. Busca de novas informações (documentação, especialistas etc.):	
3. Referências	
DADOS DA RESPOSTA	
1. Conclusão geral:	
2. Termo selecionado (*caso exista um):	
3. Definição proposta:	
4. Bibliografia utilizada:	

3.6 Etapa final do trabalho e divulgação dos resultados

De acordo com Cabré (1993, p.348), a etapa final do trabalho – elaboração da síntese dos resultados – parte dos dados obtidos nas fichas. Para ela, “sin embargo, no todas las preguntas que formula el usuario tienen una solución, ni precisa, ni única”⁷¹. A autora apresenta algumas situações possíveis para esse momento, entre elas: que alguma denominação insatisfatória possa ser substituída, ou que simplesmente se priorize uma dentre várias formas concorrentes (ibid., p.349); se os resultados não forem considerados definitivos pelo pesquisador, no caso de não ter encontrado um termo normalizado para certo conceito, esse fato deve ficar claramente

⁷¹ “Sem dúvida, nem todas as perguntas que formula o usuário têm uma solução precisa ou única.” (Tradução nossa)

informado na divulgação dos resultados, divulgação que deverá constar em forma de resposta às perguntas geradoras da pesquisa. Cabré explica que os casos duvidosos ou não solucionados devem ficar agrupados como fichas de consulta pendentes, ainda carentes de estudos mais aprofundados ou prolongados. Caso o pesquisador encontre uma forma normalizada de um termo pesquisado, que não apresente outros problemas, ele deverá consultar os especialistas para checar a veracidade da informação encontrada e, logo após, elaborar a resposta. Por outro lado, quando o pesquisador verifica a inexistência de algum termo na língua de chegada (ou permanece hesitante para escolher entre termos concorrentes), ele deverá, após a consulta aos especialistas, elaborar uma resposta provisória para a questão, até que os organismos competentes possam definir uma resposta final para o caso.

Cabré (p.352) sugere um esquema modelo de apresentação dos resultados:

FORMA O FORMAS DE REFERENCIA
Campo temático a que pertenece
Exposición del problema que es objeto de consulta
Análisis lingüístico del término
Conclusión general
Término seleccionado
Definición propuesta como definitiva
*Bibliografía utilizada*⁷² (CABRÉ, 1993, p.352)

Segundo Pavel e Nolet (2002, p.32), a metodologia da pesquisa terminológica não é estanque, podendo sofrer adaptações de acordo com o desenvolvimento do trabalho. Dessa maneira, o que temos apresentado neste capítulo são diretrizes de um planejamento inicial indispensável, porém, passível de pequenas mudanças ao longo caminho, provocadas pelos dados encontrados e por suas demandas particulares.

⁷² “FORMA OU FORMA DE REFERÊNCIAS

Campo temático a que pertence/Exposição do problema que é objeto da consulta/Análise linguística do termo/Conclusão geral/Termo selecionado/Definição proposta como definitiva/Bibliografia utilizada” (Tradução nossa)

4. RESULTADOS DA PESQUISA

Como signo linguístico das línguas de especialidade, o termo pode ser analisado em seus diferentes aspectos: do ponto de vista do significante e do significado, das relações de sentido que mantêm com outros termos (sinônimos, antônimos etc.), de seu valor sociolinguístico, usos, preferências, conotações, processo de banalização etc.) e outros. Os conhecimentos resultantes desses estudos básicos dão sustentação teórica ao trabalho de diversas ciências aplicadas. (BARROS, 2004, p.40)

Neste capítulo, apresentamos as fichas de consulta, as quais contêm informações que endossam a investigação e a observação sobre os termos que são objeto deste trabalho pontual. Os termos foram analisados do ponto de vista da relação de sentido entre eles e do significante e do significado, observando as definições que os acompanham, os atributos retirados das fontes e, ainda, seus usuários. Optamos, para o maior conforto da leitura, por inserir as fichas diretamente no corpo do texto.

Entre os dados da consulta, o campo “sinônimos” foi retirado, por constituir em si mesmo uma questão geradora da consulta.

O trabalho pontual envolveu pesquisa no *corpus*, em dicionários, ambos gerais e especializados, impressos e eletrônicos, consultas a alguns especialistas e observação da documentação encontrada sobre o tema envolvido na pesquisa. Para a sugestão da definição de *hard power*, enfocamos o levantamento dos atributos dos termos, os quais apresentam seus traços distintivos. De acordo com Desmet (2002, p.178), “a especificidade linguística reside na indicação dos traços distintivos do referente, traços pertinentes adequados para marcar a diferença entre duas unidades lexicais classificadas sob o mesmo hiperônimo”. Ainda nos inspiramos no segundo tipo de definição de Desmet, em que se intenta reproduzir o discurso do autor na língua de chegada.

O levantamento dos termos e seus atributos foi realizado manualmente, porém, *a posteriori*, a obra foi digitalizada e convertida para o formato *txt* (através do newocr.com), para exame dos contextos através do AntConc (versão 3.4.4). Nas duas formas de exame e pesquisa, esquadrimos, primeiramente, o termo *power*, e, em seguida, seus hipônimos revelados na busca. Em acordo com este dado, *power* seria o descritor dos termos enfocados na pesquisa.

Segundo Isquierdo e Krieger (1998, p.7), “os hipônimos são construídos pelo acréscimo de unidades lexicais de conteúdo específico. Esse processo é comum na formação de termos das línguas de especialidade.”

As respostas também estão baseadas nas análises morfo-semânticas dos componentes dos termos e de suas contribuições para sua formação de sentido. Buscamos, para isso, a definição do elo de composição de Desmet (2002, p.180):

É o caso da **definição morfo-semântica, adequada às unidades derivadas e compostas, que se apoia na forma complexa de entrada, definindo o afixo ou o elo de composição** (por exemplo, -mente, de “modo”; -agem, -ação “acção de”). As regras morfológicas substituem, de uma certa maneira, a análise do sentido. Trata-se com efeito, da definição relacional, segundo J. Pinoche (grifo nosso).

Para a elaboração de definições dos termos de Nye, é preciso lidar com atributos fornecidos pelo autor em frases ou ideias negativas, o que vai de encontro ao que convencionam teóricos da terminologia no que tange à elaboração e redação de definições. Nye utiliza expressões do tipo: (o) *soft power* “não é simplesmente”, “é mais que” e “não é mero”.

A escolha dos termos a incluir nas fichas de consulta se deu, em primeiro lugar, por termos compostos, cujo hiperônimo é *power*; em segundo lugar, pelo nível de problematização das traduções, isto é, a quantidade de equivalentes encontrados em português ou outras questões de tradução. Os equivalentes foram localizados por meio de consulta *on-line* dos termos no Google Acadêmico e no Google. De certa maneira, privilegamos a pesquisa no Google Acadêmico, o que se justifica por nosso interesse em focar as traduções dos termos em artigos e textos publicados em revistas científicas na área, priorizando, assim, publicações acadêmico-científicas, as quais servem de exemplo para acadêmicos sobre a divulgação e comunicação especializada envolvendo o tema no Brasil. Observamos que o tema alcançou o público não especializado devido à sua atualidade e aplicação nas notícias do cotidiano da política internacional.

4.1 *Soft power* em Paradoxo do Poder Americano

Um dado de extrema relevância para os resultados da pesquisa é o fato de, neste ponto, havermos encontrado, através de consulta no Google Acadêmico, na tradução da obra de Nye (2002), *Paradoxo do Poder Americano*⁷³, no capítulo “O Colosso Americano”, a tradução e a

⁷³ Para o momento do levantamento da bibliografia de Nye, no início da pesquisa, registramos dados extraídos da obra impressa consultada; neste caso, a obra original em inglês. A tradução encontrada é de Luis Antônio Oliveira de Araújo, pela Editora Unesp.

definição do termo *soft power* focado na obra de 2004, nosso *corpus*. Optamos, pelo avanço da pesquisa, por continuar as análises adotando como parâmetro a tradução da Editora Unesp e, a partir das referências nela obtidas, repensar as traduções e definições dos termos, utilizando-nos não apenas dos atributos extraídos (em 2004), mas comparando, em todo tempo, as traduções encontradas neste trecho da obra de 2002. Nesta, encontramos a tradução de vários outros termos cujo hiperônimo é poder (p.15-67), a exemplo de: poder americano, poder econômico, poder militar, poder mundial, poder concreto, poder relativo, poder geral, poder desigual, poder industrial, poder político, poder nuclear residual, poder preeminente. Sendo assim, não apresentamos as fichas dos termos traduzidos encontrados na obra de 2002 que não apresentaram problemas de tradução para o português, uma vez que seria desnecessário e redundante dedicarmo-nos a questões já resolvidas. Entre esses estão *command power* (poder de comando), *economic power* (poder econômico), *political power* (poder político) e *military power* (poder militar).

Em Nye (2002), encontramos traduções, definições e outros contextos para os termos *power*, *soft power* e *hard power*. Quanto ao hiperônimo *power*, este também não foi incluído nas fichas, mas tratamos dele a seguir, apresentando-o em primeiro lugar, devido à sua relevância para a formação dos outros termos. A definição de *power* apresentada é dada de acordo com os dados obtidos da obra de Nye de 2002.

Na obra de 2004, Nye define *power* como: “At this most general level, power means the ability to get the outcomes one wants” (p.i) e “So more specifically, power is the ability to influence the behavior of others to get the outcomes one wants” (p.2) Na obra de 2002, encontramos: “É a capacidade de obter os resultados desejados, e, se necessário, mudar o comportamento dos outros para obtê-los”. De acordo com as palavras do autor em 2004, e de acordo com a tradução da Editora Unesp (2002) para o termo, observamos dois atributos conferidos pelo autor ao termo: a) a capacidade de obter os resultados almejados; b) a capacidade de influenciar o comportamento alheio para alcançar os resultados almejados. Levando-se em conta esses dois atributos, cremos que a tradução da Editora Unesp lhes recobre de maneira adequada e, portanto, é aquela que adotamos neste trabalho e reapresentamos para destaque a seguir: Poder é a capacidade de obter os resultados desejados, e, se necessário, mudar o comportamento dos outros para obtê-los (NYE, 2002).

A partir desta definição do hiperônimo dos outros termos, passamos a apresentar as fichas dos termos que demonstraram maior número de equivalências em língua portuguesa: *soft power* e *hard power*.

Em ambas as fichas, fizemos o registro exato dos contextos e atributos dos termos, de maneira que, neste campo, eles aparecem conforme a língua da obra de Nye, consultada e ordenada com os dados da obra de 2004 registrados antes dos da obra traduzida em 2002.

4.2 As fichas de consulta

Quadro 2: Ficha 01

Nº DA FICHA DE CONSULTA:	01
DADOS DA CONSULTA	
1. Situação de partida:	A: Há um termo em português brasileiro que seja equivalente ao inglês <i>soft power</i> ? B: Das traduções encontradas, qual ou quais as aceitas pelos especialistas? C: Diante das diferentes traduções encontradas para o termo, há termos sinônimos, ou seja, dois termos a denominar o mesmo conceito? D: Seria recomendada a adoção de empréstimo linguístico, utilizando-se o termo original ao invés de uma tradução em português?
2. Entrada:	<i>Soft Power</i>
3. Fonte:	Nye, 2004 e Nye, 2002
4. Categoria gramatical do termo:	Substantivo composto
5. Significado ou atributos do termo (em inglês/extraídos do corpus) /contexto:	<p>NYE (2004): “getting others to want the outcomes that you want” (p.5), “co-opts people rather than coerces them” (p.5), “rests on the ability to shape the preferences of others”(p.5), “is a staple of daily democratic politics”; “is not merely the same as influence” (p.6), “soft power is more than just persuasion or the ability to move people by argument”, “It is also the ability to attract” (p.6), “Simply put, in behavioral terms soft power is attractive power” (p.6), “Soft power uses a different type of currency (not force,not money) to engender cooperation” (p.7), “soft power-an intangible attraction that persuades us to go along with other’s purposes without any explicit threat or exchange taking place”(p.7), “Hard and soft power are related because they are both aspects of the ability to achieve one’s purpose by affecting the behavior of others”(p.7), “soft power does not depend on hard power”(p.9)“The soft power of a country rests primarily on three resources: its culture (in places where it is attractive to others), its political values (when it lives up to them at home and abroad), and its foreign policy (when they are seen as legitimate and having moral authority) (p.11), “But soft power does not belong to the government in the same degree that hard power does” (p.14), “the second or ‘structural’ face of power-the ability to get the outcomes you want without having to force people to change their behavior through threats or payments” (p.15), “But the fact that civil society is the origin of much soft power, does not disapprove its existence” (p.17), “It has a crucial role to play in promoting democracy, human rights, and open markets” (p.17), “It is true that firms, universities, foundations, churches, and other nongovernmental groups develop soft power of their own that may reinforce or be at odds with official foreign policy goals”(p.17), “terrorism depends crucially on soft power for its ultimate victory”(p.22), “hard and soft power sometimes</p>

	<p>reinforce and sometimes interfere with each other”(p.25), “After all, soft power is about mobilizing cooperation from others without threats or payments. Since it depends on the currency of attraction rather than force or payoffs, soft power depends in part on how we frame our own projects” (p.60-61), “because the currency of soft power is attraction it is often easier to generate and wield in a multilateral context”(p.63).</p> <p>NYE (2002): “[poder brando], ou seja, a atração ideológica e cultural que exercemos” (p.14). “Neste começo de século, ambas vêm aumentando o nosso poder, inclusive a capacidade dos Estados Unidos de influenciarem o resto do mundo com a sua força de atração, o seu poder brando” (p.36); “Mas existe um modo indireto de exercer o poder. [...] A este aspecto do poder – levar os outros a querer o que você quer -, dou o nome de poder brando. Ele coopta as pessoas em vez de coagilas” (p.36); “O poder brando se arrima na capacidade de definir a agenda política para formar as preferências dos demais” (p.37); “O poder brando não é simplesmente sinônimo de influência, embora seja uma fonte de influência” (p.37); “Por outro lado, o poder brando é mais que persuasão, ou que capacidade de mover as pessoas pela argumentação. É a capacidade de seduzir e atrair” (p.37); “O poder brando emana em grande parte dos nossos valores. Valores que se expressam em nossa cultura, na política que adotamos internamente e no modo como nos comportamos internacionalmente” (p.37); “Mas o poder brando não é o mero reflexo do bruto” (p.38); “O poder brando é mais que simples poder cultural” (p.40); “O poder brando não está na mão do governo no mesmo grau que o bruto” (p.40)</p>
6. Equivalências encontradas no PT brasileiro:	<ol style="list-style-type: none"> (1) poder brando (2) poder suave (3) poder de convencimento não explícito* (4) poder macio (5) poder de conquista (6) poder doce (7) poder suave/poder brando (8) força suave
7. Adoção (exclusiva) do empréstimo soft power	CEPALUNI, 2005; SUPPO, 2011; SUPLYCY, 2013 (Folha de São Paulo)
DADOS DO TRABALHO PONTUAL	
1. Análise dos dados da consulta	<p>Foram encontrados 7 equivalentes para o termo <i>soft power</i> em publicações brasileiras. Destes, 4 equivalentes foram encontrados em artigos da área, 2 em artigos de revistas militares (eletrônicas) e 1 em artigo da Folha de São Paulo. Foram registrados três autores que fazem uso exclusivo do empréstimo linguístico, optando pela não tradução do termo (entre eles, à época, a Ministra da Cultura Marta Suplicy). Todos os outros autores, sem exceção, fazem uso do empréstimo em paralelo com o equivalente ao longo de seus artigos. Um autor faz uso dos equivalentes “poder brando” e “poder suave” - como sinônimos - no mesmo texto.</p> <p>Os especialistas consultados possuem formações diferentes, porém, todos são professores efetivos do curso de RI da Unifap. Dentre estes, alguns possuem formação em RI, enquanto outros são procedentes de outras áreas, como Economia, História, Ciência Política, Ciências Sociais etc. Estes posicionaram-se pela tradução de <i>soft power</i> através de opções por termos distintos. As respostas foram obtidas por meio de questões optativas organizadas em lista, contendo os equivalentes encontrados e mais um campo aberto para o registro de outro equivalente de preferência individual do professor. Alguns professores se pronunciaram verbalmente após a marcação, justificando suas respostas. Dois professores indicaram o uso de “poder brando” e do empréstimo, 1 professor indicou apenas o uso do empréstimo, 2 professores indicaram</p>

	<p>o uso de “poder brando”, sendo que 1 destes indicou, também, o uso de “poder suave”, e 2 professores sugeriram o termo “poder de influência” (1 destes esclareceu que não teria certeza sobre a opção realizada).</p> <p>Pesquisadores e professores universitários publicam sobre o tema utilizando (de maneira predominante) os equivalentes “poder brando” e “poder suave” e, estes, acompanhados do empréstimo ao longo dos textos.</p> <p>Outros autores recorrem a paráfrases ou explicações que nem sempre abarcam o sentido do termo em toda a sua extensão, ou adotam apenas um dos atributos do termo como sua tradução. Nestas situações encontramos definições de <i>soft power</i> como: “poder de atração” (GUERALDI, 2005, p.8); “ferramenta de poder” (MARTINELLI, 2016, p.69); *a construção: “Entretanto, esse poder de convencimento não explícito, definido como ‘poder brando’” (GUERALDI, 2005, p.33), em que o equivalente parece ser utilizado em lugar da definição.</p> <p>É provável que isso aconteça em decorrência das dificuldades de abstrair um conceito de maneira exata quando o próprio Nye não o apresenta desta maneira. Essas dificuldades (de encontrar um conceito exato) desdobram-se em dificuldades para encontrar um termo que o traduza – em especial quando ainda não há uma tradução consolidada ou amplamente divulgada.</p> <p>Pode-se, ainda, refletir sobre o uso da pontuação nos artigos em que os equivalentes estão inseridos. Em artigo de Silva, Johnson e Arce, observa-se a pesquisa referenciando a obra de Nye (2002), apresentando a tradução de <i>soft power</i> em conformidade com a tradução da obra, porém, com o uso de aspas e entre parênteses, utilizando a sigla referente a exemplo: (i.e., “poder brando”).</p> <p>O uso de aspas, de acordo com a Moderna Gramática Portuguesa (BECHARA, 2006, p.613), é indicado para: referir-se a significados ou sentidos, para dar a certa expressão sentido particular, para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria. Aqui poderíamos inferir que o autor utiliza este recurso para referir-se ao equivalente de <i>soft power</i>. O uso das aspas também chama à atenção na tradução de Nye (2002), em que se observa o termo registrado de várias maneiras: poder “brando” (p.16), “poder brando” (p.17), poder brando (sem aspas, p.15), e, ainda, a utilização do termo entre colchetes [poder brando]. Consideramos que essa quantidade de variáveis, enquanto recursos ortográficos, pode ser de difícil interpretação para o leitor. Nos faz ainda considerar se haveria, de fato, quatro interpretações diferentes para os usos de tais marcações gráficas.</p> <p>Apesar da tradução do termo em Nye, 2002, diante das ocorrências encontradas dentro de um período de até 13 anos depois, há indícios de que, talvez pela falta do registro do termo em dicionários especializados, a terminologia dos textos sobre o <i>soft power</i> seja um tanto quanto variada.</p> <p>Foram pesquisados artigos científicos de graduandos em RI até doutores e especialistas na área.</p>
2. Busca de novas informações:	<p>Alguns dos autores dos artigos pesquisados e a dos professores consultados optaram pelo uso do termo “poder suave”. Esta outra tradução é a mesma utilizada (amplamente) no português de Portugal; sugeriríamos que o uso deste equivalente no Brasil se deva mais ao condicionamento das leituras de publicações sobre o tema em Portugal do que a escolhas tradutivas em si. A Wikipedia utiliza os equivalentes “poder brando” e “poder de convencimento”.</p>
3. Referências	<p>Nye, 2004; (1) Nye, 2002; Ayerbe, 2006, p.188; Sarfati, 2008; Souto Maior, 2006, p.50 (2) Froelich, 2005, p.2; (3) Guerardi, 2005, p.33; (4) Melo, 2015, p.18; (5) Nascimento, 2012, p. 68; (6) autor desconhecido, Revista Sociedade Militar, 26 de Dezembro de 2013 (7) Abreu, 2013, p.2, Revista Escola de Guerra Naval (8)</p>

	linguagista.blogs.sapo.pt/softpower-hardpower; Barbosa Martinelli, 2016, p.69.
DADOS DA RESPOSTA	
1. Conclusão geral/ Respostas às perguntas da consulta:	<p>A: Foi encontrada uma tradução em obra anterior do autor (2002) para o termo “poder brando” (sob formas diferentes de registro: poder brando, [poder brando], poder “brando” e “poder brando”).</p> <p>B: As respostas dos especialistas apontam para o uso de equivalentes variados. Durante a consulta, não solicitamos um posicionamento oficial do grupo.</p> <p>C: <i>Soft</i>, em inglês⁷⁴ (<i>not severe, forceful or easily noticed</i>), encontra, em português⁷⁵ (entre outros), os equivalentes “brando” (para com alguém) e “suave” (para pele, cor, luz, som, voz). Brando, no Grande Dicionário Sacconi (2010), é definido (entre outras duas acepções) como moderado. Aqui, baseados nos atributos encontrados, sugerimos que <i>soft</i> e brando possuam o mesmo valor semântico e, por conseguinte, consideraríamos a adoção do termo brando nos textos brasileiros adequada, conforme tradução da Editora Unesp. Quanto ao uso do equivalente “suave” (encontrado amplamente em artigos portugueses), o Grande Dicionário Sacconi coloca entre suas definições: que se faz sem esforço; pouco custoso; que não é agressivo nem ofensivo; pouco pronunciado, acentuado ou evidente. Estes atributos também estão de acordo com os atributos do termo original em inglês; assim, sugerimos que estes poderiam ser, de fato, reconhecidos como sinônimos. Os equivalentes em português e os termos originais não foram encontrados em repertórios especializados – dentro dos limites da pesquisa.</p> <p>D: O empréstimo é amplamente utilizado nas publicações brasileiras. Algumas vezes, não apenas para introduzir o assunto, mas ao longo de todo o artigo e junto a alguma tradução do termo <i>soft power</i>. Sugerimos os equivalentes “poder brando” e “poder suave” para vias de harmonização dos textos que tratam sobre a temática. Certamente essa prática não excluiria a referência ao termo original até mesmo para a apresentação e introdução da teoria de Nye.</p>
2. Termo selecionado (*caso exista um):	Poder brando e poder suave
3. Definição proposta:	Poder de atração ideológica e cultural (Nye, 2002, p.14).
4. Bibliografia utilizada:	Nye (2004), Nye (2002), Cambridge Advanced Learner’s Dictionary (2003), Dicionário Oxford português-inglês (2007), Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa (2010).

⁷⁴ Segundo o Cambridge Advanced Learner’s Dictionary 2003.

⁷⁵ Segundo o Dicionário Oxford português-inglês 2007.

Quadro 3: Ficha 02

Nº DA FICHA DE CONSULTA:	02
DADOS DA CONSULTA	
1. Situação de partida:	A: Há um termo em português brasileiro que seja equivalente ao inglês <i>hard power</i> ? B: Das traduções encontradas, qual ou quais são aceitas pelos especialistas consultados? C: Diante das diferentes traduções encontradas para o termo, há termos sinônimos, ou seja, dois termos a denominar o mesmo conceito? D: Seria recomendada a adoção de empréstimo linguístico, utilizando-se o termo original, ao invés de uma tradução em português?
2. A entrada:	<i>Hard Power</i>
3. A fonte do termo:	Nye, 2004; Nye, 2002.
4. Categoria gramatical do termo:	Substantivo composto
5. Significado ou atributos do termo (em inglês/extraídos do <i>corpus</i>) / contexto:	(NYE, 2004): “associated with command behavior” (p.7); can sometimes have an attractive or soft side; has deterrent effect; (p.4) “Everyone is familiar with hard power. We “know that military and economic might often get others to change their position. Hard power can rest on inducements (“carrots”) or threats (“sticks”) (p.5). “After all, influence can also rest on the hard power of threats or payments” (p.6), “soft power may be less relevant than hard power in preventing attack, policing borders, and protecting allies” (p.17), “hard power can create myths of invincibility or inevitability that attract others” (p.25), “Some of the motives for war were based on the deterrent effect of hard power” (p.26). (NYE, 2002): “Viram-nos absorvidos no <i>hard power</i> [poder bruto] de nossa força militar” (p.15); “Por meio das medidas tradicionais do poder bruto” (p.17); “Tanto o poder militar como o econômico são exemplos do duro poder de comando que se pode empregar a fim de induzir os demais a mudarem de posição. O poder bruto se apoia tanto em induções (a cenoura) como em ameaças (o porrete)” (p.36); “É claro que os poderes bruto e brando estão relacionados e se reforçam mutuamente. Ambos são aspectos da capacidade de alcançarmos os nossos objetivos afetando o comportamento dos outros” (p.38).
6. Equivalências encontradas no PT brasileiro:	(1) poder duro (2) poder militar (3) poder bruto (4) ação militar (5) poder coercitivo (6) força militar (7) força bruta
7. Adoção exclusiva do empréstimo <i>hard power</i>	NASCIMENTO, 2012, p.68; BARBOSA-MARTINELLI, 2016, p.66; CEPALUNI, 2005, p.57; DA SILVA, 2005.
DADOS DO TRABALHO PONTUAL	
1. Análise dos dados da consulta	Foram encontrados 7 equivalentes para o termo <i>hard power</i> em publicações brasileiras. Alguns autores optam unicamente pela adoção do empréstimo e não utilizam equivalentes (cf. item 7 dos dados da consulta). Os equivalentes foram encontrados através de pesquisas no Google e Google Acadêmico. Um equivalente foi encontrado em artigo de autoria da então Ministra da Cultura para a Folha de São Paulo. Outros 5 equivalentes, em artigos acadêmicos e científicos produzidos por professores e acadêmicos, publicados em cadernos e revistas acadêmicas da área de RI ou correlatas. E 1 equivalente foi encontrado em blog, tratando sobre <i>soft</i> e <i>hard power</i> .

	<p>Assim como para o <i>soft power</i>, percebe-se que há diferentes definições dadas pelos autores para o termo <i>hard power</i>, apesar dos esforços para reproduzirem o discurso de Nye.</p> <p>Os equivalentes mais utilizados para a tradução de <i>hard power</i> são poder duro e poder bruto.</p> <p>Alguns autores (como Mascarenhas, 2005) utilizam os dois equivalentes e o empréstimo ao longo do artigo.</p>
<p>2. Busca de novas informações (documentação, especialistas etc.):</p>	<p>Os especialistas consultados foram os mesmos da consulta sobre o termo da Ficha 01. Estes se posicionaram pela tradução de <i>hard power</i> através de opções distintas (as respostas foram obtidas por meio da aplicação de questionário com alternativas organizadas em lista, contendo os equivalentes encontrados e, ainda, um campo para indicação de outro equivalente de preferência do professor, fosse esse o caso. Alguns professores se pronunciaram verbalmente após a marcação, justificando ou discutindo sobre suas respostas. Um professor indicou o uso do termo “poder duro”, 3 professores indicaram preferência pelo uso do empréstimo linguístico e outros 3 professores não se manifestaram a favor de nenhuma equivalência.</p> <p>O termo <i>hard power</i> não foi encontrado em dicionários ou glossários da área, nem em dicionários gerais; a única tradução “oficial” encontrada foi a da Editora Unesp (NYE, 2002).</p> <p>Segundo o Cambridge Advanced Learner’s Dictionary (2003), o termo <i>hard</i>, entre várias acepções, significa severo, não agradável ou gentil. Esta é a acepção que mais se aproxima dos atributos dados aos termos por Nye em suas obras. No Oxford Dictionary(2007), encontra-se entre as acepções de <i>hard</i> (sob a marca de uso para trato ou pessoa) difícil, severo, cruel; porém, o primeiro equivalente para o termo é “duro”. Este é o equivalente mais utilizado nos artigos portugueses nos quais esbarramos ao longo de nossa busca por equivalentes no português do Brasil. O Grande Dicionário Sacconi (2010) apresenta entre as acepções de duro: intenso na força; violento; rigoroso; severo; ofensivo; agressivo; de modo rígido. Os antônimos indicados para duro são mole e brando. O mesmo dicionário aponta como significados de bruto: grosseiro; rude; que não envolve atividade mental, meramente físico, força bruta. Poder bruto e poder duro, conforme já registramos, são os equivalentes apresentados na obra de Nye (2002) para <i>hard power</i>. Analisando as definições de Sacconi para os equivalentes, nos parece que “duro”, por seu caráter rígido, severo e intenso, recobre bem as características do <i>hard power</i> de Nye, quando este apresenta o espectro comportamental e os recursos que caracterizam os poderes <i>hard</i> e <i>soft</i> (NYE, 2004, p.8), através dos quais ele analisa e desenvolve seus conceitos.</p> <p>Entre várias definições encontradas, estão as que apresentam apenas um dos atributos do <i>hard power</i> (não levando em conta o espectro supracitado), como: “a capacidade de alcançar certos objetivos por meio do uso efetivo ou potencial da força” (CEPALUNI, 2005, p.57), neste caso, ressaltando o poder militar e excluindo a ideia do poder econômico. Outra definição não menciona os recursos (de <i>hard power</i>) utilizados para pressionar: “a capacidade de pressionar o mais fraco para levá-lo a curvar-se ao desejo do mais forte” (SOUTO MAIOR, 2006). Através destas duas definições, observamos que este é o mesmo fenômeno que ocorre com muitos que se dispõem a definir o <i>soft power</i> em português.</p>
<p>3. Referências</p>	<p>(1) Ayerbe, 2006, p.188; Froelich, 2005, p.2; Nye, 2002, p.21; Nascimento, 2012, p.8;</p> <p>(2) Suplicy, 2013 (Folha de São Paulo);</p> <p>(3) Nye, 2002, p.15; Mascarenhas, 2005, p.182;</p> <p>(4) Mascarenhas, 2005, p.182;</p> <p>(5) Martinelli, 2016, p.66;</p> <p>(6) Oliveira, 2014, p.47;</p>

	(7) linguagista.blogs.sapo.pt/softpower-hardpower-1066362
DADOS DA RESPOSTA	
1. Conclusão geral/ Respostas às perguntas da consulta:	<p>A: Há dois termos equivalentes no português brasileiro para o termo <i>hard power</i>: poder duro e poder bruto (NYE, 2002).</p> <p>B: Os especialistas consultados posicionaram-se de maneiras variadas quanto aos equivalentes encontrados. Não foi solicitado um posicionamento do grupo consultado.</p> <p>C: Na obra de Nye, traduzida em 2002, os equivalentes poder bruto e poder duro são apresentados como sinônimos.</p> <p>D: Diante dos equivalentes encontrados na obra de 2002, não vemos razão para o ato de exitar no uso dos dois equivalentes indicados em A para tratar sobre o tema. Cremos que outros cinco equivalentes seriam fruto do nível de aprofundamento no tópico e da falta de repertórios que tenham registrado o termo e sua definição.</p> <p>Acrescentamos à conclusão a observação de que deveria ser evitada a referência do termo apenas como poder militar, pois ele abarca a ideia de coerção através de manifestações da força bruta e através da força econômica. Esta última pode ser exercida através de sanções, pagamentos, subornos ou qualquer outra forma que envolva recursos financeiros (NYE, 2004, p.8). Após a observação dos atributos conferidos por Nye ao termo <i>hard power</i>, no campo 3, a seguir, apresentamos a sugestão de uma definição, mas reafirmamos que o fazemos sem nenhuma pretensão prescritiva, mas apenas para referenciar o discurso do autor.</p>
2. Termo selecionado (*caso exista um):	Conforme a tradução encontrada (Editora Unesp, 2002), sugerimos o uso dos equivalentes “poder duro” e “poder bruto”.
3. Definição proposta:	Poder bruto produzido por meio da coerção através de recursos de força ou financeiros. <i>Sin.</i> Poder duro.
4. Bibliografia utilizada:	Nye (2004), Nye (2002), Cambridge Advanced Learner’s Dictionary (2003), Dicionário Oxford português-inglês (2007), Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa (2010); Cepaluni (2005, p.57); Souto Maior (2006)

4.2.1 Quadros de equivalentes

Quadro 4: Quadro de equivalentes encontrados para *soft power*

Soft power	Fonte	Observações
Equivalente:		
1. Poder brando	Nye (2002) – O Paradoxo do Poder Americano	Poder brando; [poder brando]. Poder “brando”; “poder brando”. Def: “poder de atração ideológica e cultural que exercemos” (p.14).
2. Poder suave	Froelich (2005, p.2) - Rev. Brasileira de Política Internacional	Termo usado amplamente em publicações portuguesas.
3. *Poder de convencimento não explícito	Gueraldi (2005, p.33) Dissertação de mestrado FGV	“Entretanto, esse poder de convencimento não explícito definido como “poder brando” (p.33).
4. Poder macio	Melo (2015, p.18) - Artigo IPEA	Macio= superfícies
5. Poder de conquista	Nascimento (2012, p.68) – Caderno de RI, v3, n.4 (Faculdade Damas)	
6. Poder doce	Rev. Sociedade Militar (26/12/13)	Doce= paladar; personalidade.
7. Poder suave/ 8. poder brando	Abreu (2013, p.2) – Rev. Escola de Guerra Naval	
9. Força suave	/linguagista.blogs.sapo.pt/softpower-hardpower/ (02/03/2014)	

Quadro 5: Quadro de equivalentes encontrados para *hard power*

Hard power	Fonte	Observações
Equivalente:		
1. Poder duro	Nye (2002, p.21, Tradução da Unesp); Ayerbe (2006, p.188); Froelich (2005, p.2) – Rev. Brasileira de Política Internacional, v.48, n.2	Utilizado como sinônimo de poder bruto na obra de Nye, traduzida em 2002.
2. Poder militar	Suplicy (2013) - Folha de São Paulo	Refere-se apenas ao recurso da força. Exclui o financeiro.
3. Poder bruto	Nye (2002, p.15, Tradução da Unesp); Mascarenhas (2005, p.182) - Lutas Sociais n.13/14.	Mascarenhas (2005) utiliza dois equivalentes para <i>hard power</i> no mesmo texto.
4. Ação militar	Mascarenhas (2005, p.182) – Lutas Sociais n.13/14.	O termo ação utilizado como equivalente de <i>power</i> . Refere-se apenas ao recurso da força.
5. Poder coercitivo	Barbosa Martinelli (2016) – Conjuntura Global, v.5, n.1, jan/abr 2016.	Refere-se apenas ao comportamento, desassociando-o dos recursos financeiros e de força.
6. Força militar	Oliveira (2014, p.47) – Cadernos Adenauer XV, n.4.	Idem ao equivalente n.2.
7. Força bruta	/linguagista.blogs.sapo.pt/softpower-hardpower/ (02/03/2014)	

4.3 Discussão dos resultados

Na obra de 2002, apresenta-se o conceito do termo *soft power*, mas, em 2004, conforme o próprio Nye explica, ele é mais desenvolvido: “Aqui, eu aperfeiçoei a definição, expandi exemplos, utilizei novos dados e pesquisa histórica, e explorei as implicações e limites do *soft power* de uma maneira que eu não havia feito em nenhum dos meus trabalhos anteriores”⁷⁶ (Tradução nossa). O autor adiciona que amigos e críticos lhe advertiram de que, se quisesse que seu termo fosse compreendido de forma apropriada e utilizado na política externa, ele teria de explorá-lo mais, o que se tornou o seu objetivo com a obra de 2004.

As definições apresentadas nas fichas não pretendem (nem poderiam), como já estabelecido, ser normativas. No início da pesquisa, planejamos a elaboração das mesmas em português, através da extração dos atributos dos termos do texto fonte. No entanto, com o andamento do trabalho e a revelação da tradução de certos termos em obra anterior, a pesquisa assumiu uma outra perspectiva. Com semelhanças e também diferenças de contextos em que o autor insere os termos, buscamos respeitar a tradução anterior. Esta descoberta dos termos na obra de (2002) agregou e, ao mesmo tempo, impôs desafios.

⁷⁶ “But here I have honed the definition, expanded the examples, used new polling data and historical research, and explored the implications and limits of soft power in ways I had not done in either of my earlier works.” (NYE, 2004, p.xii)

A observação dos equivalentes encontrados em artigos de doutores, mestres, mestrandos e graduandos, em revistas e *sites* de RI ou de tema correlatos chama-nos à atenção para o fato de a dificuldade com a tradução dos termos investigados se estender, por vezes, até o nível mais especializado. Nesse mesmo sentido, observamos, em contato com os especialistas consultados, que, de fato, quem se empenha a discorrer sobre o assunto tem dificuldades quando não tem conhecimento sobre a existência de uma equivalência plenamente aceita na área. A problemática amplia-se no caso da ausência dos termos em dicionários especializados, principalmente no que diz respeito à falta de especialização de seus autores em relação aos temas em questão. Até onde pudemos alcançar, não foram encontrados registros dos termos da obra de Nye em repertórios brasileiros, o que torna mais difícil a tarefa do estudante no momento de optar por um equivalente.

Durante nossas buscas, os equivalentes “poder duro” e “poder suave” foram encontrados em vários artigos em português de Portugal. Acreditamos que os dois equivalentes presentes em artigos brasileiros também tenham sido fruto do condicionamento imposto por leituras de textos de Portugal, e nem sempre pelo contato com a obra de Nye (2002).

Diante dos equivalentes encontrados e, posteriormente, de uma tradução de alguns termos da teoria em fonte confiável (Ed. Unesp), confirmamos a ideia de que a comunicação sobre o tema em discursos acadêmico-científicos corre o risco de ser um tanto quanto imprecisa. Havemos que considerar as variáveis, desde o nível de especialização do autor no assunto até o nível de conhecimento da língua inglesa, é claro. Porém, os dados recolhidos (a despeito da pequena pesquisa) apontam para a necessidade de atenção por parte dos que se dedicam a escrever sobre o tema.

Ainda, observa-se que algumas definições propostas por autores de artigos brasileiros, apesar de não abarcarem o significado dos termos como postos por Nye em sua obra, restringem-se a uma de suas metáforas ou explicações sobre o termo. A exemplo da Ficha 02, nos equivalentes (ou definições) 2, 4, 5, 6 e 7, tem-se que estes são extraídos de trechos de Nye, ou seja, os autores restringem-se a certos atributos dos termos do autor, propondo seus conceitos em português, de certa forma corretos, pois não deixam de ser atributos, mas, por outro lado, incompletos, quando em relação aos outros atributos conferidos ao termo por Nye.

Entre os pontos fracos da pesquisa, está a descoberta da tradução de termos de Nye (2004) em Nye (2002) tardiamente, já quando estávamos em estágio avançado da mesma. Diante disso, não houve tempo hábil para preparar a obra a fim de ser observada com o auxílio de ferramenta de análise de *corpus*, o que teria sido bastante útil para efeitos de comparação. Durante nossa pesquisa, fizemos, ainda, a tentativa de contato com o representante de um grupo de pesquisa

que trabalha com a criação de um glossário em RI, mas não obtivemos retorno. Quanto à consulta aos especialistas, faltou-nos a solicitação de um posicionamento do grupo sobre um equivalente.

Os oito equivalentes encontrados em português para *soft power* e os sete equivalentes para *hard power* indicam a importância da existência de repertórios de linguagens de especialidade e de suas constantes atualizações para a consulta sobre formas de referência que são consideradas mais adequadas. Cabré (1993) aponta a existência de diferentes organismos de normalização, entre eles, organismos especializados em uma temática especializada. Nestes organismos, entre outras tantas demandas, os especialistas obtêm condições para apresentar um ponto de vista nacional sobre determinada terminologia. Os termos das ciências exatas são rigorosamente normalizados por organismos nacionais e internacionais. Para a autora, nas ciências humanas e sociais, esta prática é mais dificultada; entretanto, deveria ser igualmente valorizada e aplicada, uma vez que pretende auxiliar e favorecer a comunicação entre especialistas da área⁷⁷ e dar a terminologia uma certa estabilidade. O que se observa nesta breve pesquisa é que, apesar da tradução dos termos em Nye (2002), talvez não exista uma instância que tenha validado os conceitos e denominações em português, o que facilitaria os estudos e publicações sobre o assunto, ao menos no que se refere a um consenso sobre o uso dos equivalentes. Se isso acontecesse, poderiam os pesquisadores do assunto referir-se a terminologia do autor (em português) com maior segurança.

⁷⁷ “- a normalização terminológica concerne a todas as disciplinas especializadas, isto é, às ciências humanas e sociais e às matérias técnicas e científicas, ainda que seja nos âmbitos técnicos, científicos e em algumas atividades como as comerciais, que mais se tem tomado esta prática.” (CABRÉ, 1993, p.436, tradução nossa)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo tradutivo, o tradutor cria termos, que ora são adotados, ora são rejeitados pela comunidade que o utiliza. Esta criação é muitas vezes intencional e demoradamente estudada pelo profissional, outras vezes ela ocorre de forma mais espontânea e sem grande esforço por parte do tradutor, que não percebe que sua tradução é uma nova proposta de denominação para uma ideia, objeto ou conceito. Quando o termo é aceito e adotado pela comunidade específica percebe-se que foi uma boa solução, caso contrário, a tradução torna-se um equívoco ou problema. Outras vezes a criação, seja ela criticada ou não, passa a ser utilizada com tal frequência que se torna parte dos discursos especializados, daí a neologia tradutiva. (MARINI, 2013, p.16)

Este estudo terminológico confronta-nos com as dificuldades pertinentes aos estudos da tradução de certos termos envolvidos na teoria do *soft power* de Joseph Samuel Nye Jr. O que apresentamos aqui é uma brevíssima consideração acerca da necessidade de reflexão sobre a terminologia da área em que se empenha o estudante, sobre o comprometimento com suas características linguísticas no momento do lançar-se à busca de equivalentes para os termos. Ainda mais grave torna-se a questão ao tratar das linguagens de especialidade das ciências políticas e sociais, tão abrangentes e pouco exatas.

Por meio do contato com sua obra, observamos que o autor utiliza metáforas diversas para explicar e dar significado a seus termos, a exemplo de: “Neste sentido, poder significa estar com as cartas altas no jogo de pôquer internacional” (2002, p.30) ou, ainda, “O poder é também como o amor, mais fácil de experimentar do que de definir ou mensurar, mas não menos real por causa disso” (NYE, 2004, p.i, tradução nossa). É provável que, entre tantas metáforas, fique penoso para o autor (acadêmico, sem o auxílio de dicionários especializados), que não é tradutor, distinguir entre atributos que forneçam as características distintivas do termo para a sua definição e explicações, exemplos, metáforas e comparações utilizadas para trazer esclarecimento ao leitor.

Na página 8 de Nye (2004), o autor apresenta um quadro⁷⁸ que ilustra o espectro de comportamentos e os recursos associados a *soft* e *hard power*. Variando de *hard* a *soft*, o poder é definido de acordo com o comportamento que adota e com os recursos de que dispõe seu detentor. *Hard power* estaria atrelado a comportamentos de comando manifestos através de coerção ou indução, recursos de força (bélica e militar) e finanças (como sanções, pagamentos e subornos). *Soft power*, por sua vez, estaria atrelado a uma postura voltada para a cooptação

⁷⁸ Cf. Anexo A

por meio da atração e de organização da agenda. Para Nye, na prática, isso acontece através de recursos variados, desde institucionais até de valores, cultura e política externa. A partir deste quadro, entende-se a complexidade do processo tradutório e da tentativa de definir seus conceitos de *hard* e *soft power*. Logo, compreende-se melhor as escolhas tradutivas como: “poder de atração” e “poder militar”, por exemplo.

No início desta dissertação (p.9), citamos o Dicionário de Rena Signer, que tem o intuito de auxiliar o brasileiro a comunicar-se com perfeita precisão quando envolvido nas operações das Relações Internacionais. Se considerarmos a linguagem da Economia e de certas áreas do Direito (presentes nas matrizes curriculares dos cursos superiores de RI), não há o que se questionar. Contudo, há que se repensar a ideia da “perfeita precisão” quando for o caso do discurso nas disciplinas das Ciências Sociais e Políticas e suas respectivas terminologias.

Em entrevista concedida ao Doutor em Segurança Internacional Bruno Cardoso Reis, em 2011⁷⁹, Nye apresenta o contexto no qual surgiu o termo, bem como seu posicionamento sobre a contribuição do conceito de *soft power*:

Desenvolvi a ideia de *soft power* quando estava a escrever “Bound to Lead” em 1989. Nessa altura, a opinião generalizada era a de que os Estados Unidos estavam em declínio, e o paradigma dominante na ciência política e nas relações internacionais era o neo-realismo, que olha unicamente para o poder militar e o poder económico. **Enquanto analisava o poder económico e militar dos Estados Unidos, apercebi-me que faltava alguma coisa: a capacidade de atingir os resultados desejados através de atracção e persuasão, em vez de coerção ou pagamento. Desenvolvi assim a ideia de *soft power* como um conceito analítico para resumir esta ideia.** Utilizei o termo *smart power* em 2004 para fazer ver às pessoas que o meu argumento não era o de que o *soft power* estava a substituir o *hard power*, mas sim que era necessário descobrir a melhor forma de combinar recursos de *soft* e *hard power* em estratégias eficazes – e essas estratégias constituiriam *smart power*. Portanto, utilizei o termo não com o intuito de substituir *soft power*, mas apenas para recordar que o objectivo do poder é atingir os resultados desejados. Por vezes fazêmo-lo com recursos duros e outras com recursos suaves; por vezes os dois reforçam-se um ao outro, e outras vezes podem atrapalhar-se um ao outro. (Grifo nosso)

O conceito analítico é da sociologia, que, conforme explica Guimarães (2003, p.95), “é o que permite a análise de um determinado conjunto de fenômenos, e faz sentido apenas no corpo de uma teoria”. O autor ressalta que o conceito analítico se presta a uma análise bastante específica, e só faz sentido dentro de um contexto ou teoria específicos, ou seja, os conceitos

⁷⁹ Entrevista com Joseph Nye sobre “O poder e as relações internacionais” publicada na Revista de Relações Internacionais n.31. Lisboa set. 2011 (Português de Portugal)

de Nye foram sendo construídos e formados a partir das realidades observadas em suas pesquisas sobre o poder e a sua natureza, e de suas análises (com toda a sua carga subjetiva) dos fenômenos relativos ao poder nas relações internacionais. Esse dado talvez responda pela dificuldade imposta aos que se empenham em traduzir os seus termos, o que vai ao encontro das palavras de Cabré (1993, p.201):

Considerados em conjunto, os termos não são de forma alguma unidades isoladas que podem ocorrer fora de um contexto específico, senão elementos que fazem parte de um sistema linguístico especializado e que se materializam em um contexto concreto, que corresponde a um campo determinado de especialização.

Desmet (2002, p.176) fala da ausência de isomorfismo⁸⁰ entre as línguas, entre as culturas e entre os saberes científicos e técnicos, o que pode ser ilustrado pelas palavras de Ferreira⁸¹, as quais justificam suas escolhas tradutivas e indicam um certo “desconforto” com a tradução:

Utilizaremos neste texto a tradução do conceito de hard power e soft power, como, respectivamente, poder duro e poder brando. Apesar da inadequação que possa ser sentida no uso destas palavras para traduzir os dois conceitos, acreditamos que esta é uma opção que melhor se adequa ao real significado das definições.

Conforme Pavel e Nolet (2002, p. 28), o papel da terminologia é o de auxiliar os usuários a empregarem os termos corretos em suas comunicações. Neste estudo (como a própria Cabré nos advertiu, em CABRÉ, 1993, p.436, tradução nossa), não nos foi possível responder a todas as perguntas previstas. Entretanto, cremos que estas reflexões sobre a terminologia de Nye e suas aplicações para a tradução de outros termos advindos de outros teóricos das ciências políticas e sociais poderão ter certa utilidade na busca por uma conscientização sobre a comunicação de qualidade nos discursos da área.

⁸⁰ "Quando os sentidos dos termos de uma estrutura semântica de uma língua podem ser postos em relação, termo a termo, com os sentidos de uma estrutura semântica de outra língua, diz-se que as duas línguas são semanticamente isomorfas; é evidente que o grau de isomorfismo varia conforme os pares de línguas postas em paralelo." (DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 2014, p. 332)

⁸¹ Professor de Comércio Exterior na Universidade Fernão Dias, mestrando em Relações Internacionais e pesquisador junto ao Observatório das Relações entre Estados Unidos e América Latina. Disponível em: <<http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/arquivos/nucleos/artigos/marcos.pdf>>. Acesso em 28/01/2017.

Ao final deste trabalho, posicionamo-nos a favor do emprego dos equivalentes utilizados na tradução da Unesp (Paradoxo do Poder Americano, 2002): “poder brando”, “poder bruto” e “poder duro”. Sugerimos, em tempo, que “poder suave”, de fato, possua uma relação sinonímica com “poder brando”. Quanto aos outros termos de Nye, não incluídos nas fichas, recomendamos aos acadêmicos a consulta exaustiva ao referencial que contempla o assunto em que o termo se insere, para que haja uma certificação sobre a adequação do termo escolhido, de modo a não ferir a definição dada pelo autor do termo, a ponto de descaracterizá-lo.

Difícil tarefa esta na qual nos empenhamos, qual seja, de posicionar-nos sobre o emprego de termos do *soft power* de Nye entre especialistas, estudantes de RI e disciplinas correlatas, em busca de uma maior precisão em sua comunicação. As ciências políticas implicam questões de tradução, diante das quais a certeza da opção por equivalentes é, no mínimo, delicada, devido aos condicionantes envolvidos (culturais, regionais etc.) O que se recomenda aos estudantes da área é que busquem, no referencial teórico e nos especialistas, a solução para suas dúvidas no momento da comunicação, certos de que precisão e certa fluidez terão de ser equilibradas na balança da expressão.

Para Cabré (1993, p.108), os campos das ciências humanas e sociais seriam “pouco estruturados”, ou seja, com diferentes tipos de estruturação da realidade de língua para língua, o que se refletiria diretamente na questão da equivalência. Os contextos em que os termos traduzidos foram empregados, aliados à pouca consolidação da temática, podem, talvez, explicar o fenômeno de tantas traduções para os termos.

Os acadêmicos desavisados podem encontrar em dicionários eletrônicos (não especializados), como o *Linguee English- Portuguese*, inúmeras traduções para a busca “uso do *soft power*”, a exemplo de: influência discreta, poder de influência, potência da diplomacia, poder benigno, pressão suave, entre outros. Neste caso, reiteramos a relevância da consciência do acadêmico sobre a terminologia concernente à área do conhecimento na qual pesquisa e desenvolve seus estudos e publicações.

REFERÊNCIAS

ABREU, Guilherme. Reflexões sobre o “softpower”. **Revista da Escola de Guerra Naval**, v.19, jun.2013, Rio de Janeiro. p.203-244; p.2.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Lexicologia e lexicografia**. Disponível em <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/lexicologia-e-lexicografia>>. Acesso em: 25/10/2016.

ANTCONC 3.2.4 Tutorial 2: Concordance Tool - Advanced Features.

Anthony Laurence. Tutorial. 10min. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pUN-flv-Cmw> >. Acesso em: 20/09/2016.

AYERBE, Luis Fernando. **Ordem, poder e conflito no século XXI: esse mesmo mundo é possível**. SciELO-Ed. UNESP, 2006.

BARBOSA MARTINELLI, Caio. O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye. **Conjuntura Global** v.5 n. 1, jan./abr. 2016, p.65-80

BARROS, Lidia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BATALHA, Maria Cristina; PONTES Jr., Geraldo. **Tradução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006, p.613.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e linguística portuguesa**, v. 2, n. 1, p. 81-118, 1998.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 12. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, 1330p.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida, 1993.

CAMBRIDGE. **Cambridge Advanced Learner’s Dictionary**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CARR, E. H., **Vinte anos de crise 1919-1939: uma introdução aos estudos das Relações Internacionais**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CEPALUNI, Gabriel. Regimes internacionais e o contencioso das patentes para medicamentos: estratégias para países em desenvolvimento. **Contexto Internacional**, v. 27, n.1, 2005.

COELHO, Luciana. **Joseph Nye, o “poder suave” e o “poder inteligente”**. Folha de São Paulo: 02/11/2010 Disponível em: < <https://timeriverflow.com/2012/01/09/1890/>> Acesso em: 28/11/2016.

DA SILVA, Alex Giacomelli. Poder inteligente: a questão do HIV/AIDS na política externa brasileira. **Contexto Internacional**, v. 27, n. 1, p. 127, 2005.

DESMET, Isabel. A análise do sentido em terminologia: teoria e prática da definição terminológica. **Tradterm**, v. 8, p. 149-168/169-188, 2002.

DUARTE, Paulo. Soft China: o caráter evolutivo da estratégica de charme chinesa. **Contexto internacional (PUC)**, v. 34, n. 2, 2012.

DURÃO, Adja B. (org.) **Por uma Lexicografia bilíngue contrastiva**. Londrina: UEL, 2009.

ESCALANTE, Alba. Espanhol, uma língua homogênea? algumas questões sobre o tratamento da diversidade no ensino da tradução do par linguístico português-espanhol. In: FERREIRA, Alice Maria de Araújo; SOUSA, Germana Henriques Pereira de; GOROVITZ, Sabine. **Ensaio de teoria e prática de tradução**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014, p.21.

ESTANTE VIRTUAL. **Dicionário Brasileiro de Relações Internacionais**. Disponível em <<https://www.estantevirtual.com.br/b/rena-signer/dicionario-brasileiro-de-relacoes-internacionais/2133309773>> Acesso em: 13/10/2016.

FERREIRA, Alice Maria de Araújo. Existem dicionários de tudo – e o tradutor sabe disso!!! In: FERREIRA, Alice Maria de Araújo; SOUSA, Germana Henriques Pereira de; GOROVITZ, Sabine. **Ensaio de teoria e prática de tradução**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

FERREIRA, Alice Maria de Araújo; SOUSA, Germana Henriques Pereira de; GOROVITZ, Sabine. **Ensaio de Teoria e Prática de Tradução**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

FERREIRA, Marcos Alan Fagner dos Santos. **Definições conceituais para o entendimento da Política Externa dos Estados Unidos**: as noções de poder duro (hard power) e poder brando (soft power) Disponível em: <<http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/arquivos/nucleos/artigos/Marcos.pdf>> Acesso em: 28/01/2017.

FROELICH, Ivani Vassoler. A Política Externa Americana e seus críticos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 48, n. 2, p. 205-215, 2005.

FUNAG. Disponível em <www.funag.br> Acesso em: 20/05/2016.

GARCIA, Eugênio Vargas. **Cronologia das relações internacionais do Brasil**. v. 6. Editora Alfa-Omega: São Paulo, 2000. p.XI

Glossário de Acrônimos e Siglas de Relações Internacionais. Disponível em: <www.cplp.org/files/filer/glossario> Acesso em: 20/05/16.

GLOSSIR. Glossário Bilíngue (inglês-português) multimeios *on-line* colaborativo para aprendizes baseado em *corpus* especializado da área de relações internacionais. Disponível em: <<http://bomlag.wix.com/glossary-of-ir>> Acesso em: 10/10/2016.

Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010.

GUERALDI, Ronaldo Guimarães. A aplicação do conceito de poder brando (Soft Power) na política externa brasileira. **Encontro Anual da ANPAD**, v. 29, 2005. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=gueraldi+fgv> Acesso em: 28/11/2016

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003.

HARVARD KENNEDY SCHOOL. **Joseph S. Nye**. Disponível em <<https://www.hks.harvard.edu/about/faculty-staff-directory/joseph-nye>>. Acesso em: 08/06/16.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, M. da G. **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. v.II. Editora UFMS, 1998.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Jr. Joseph S. **Power and Interdependence**. Longman: 2001, 3. ed., p.xv.

LACERDA, João. **Poder Suave**. Transporte Ativo: por mais pessoas em bicicletas mais vezes. 2010. Disponível em: <<http://transporteativo.org.br/wp/2010/02/09/poder-suave/>> Acesso em: 28/11/2016.

LAMBERTI, Flávia. **Os princípios da pesquisa terminológica aplicados ao ensino da prática de tradução de textos técnicos e científicos**. In: ROSCOE BESSA, Christiane; SANTOS, Cynthia Ann Bell; LAMBERTI, Flávia. A Tradução em Contextos Especializados. Editora Verdana, 2015.

LEE-JANKEE, Hannelore; DELISLE, Jean; CORMIER, Monique C. **Terminologia da Tradução**. Tradução Álvaro Faleiros e Cláudia Xatara. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

LESSA, Antônio Carlos. O Ensino de Relações Internacionais no Brasil. In: SARAIVA, José Flavio Sombra; CERVO, Amado Luiz. **O Crescimento das Relações Internacionais no Brasil**. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI), 2005. p. 33-50.

LINGUEE. **Linguee Dictionary**. Disponível em <<http://www.linguee.com.br/ingles-portugues>> Acesso em: 20 set. 2016.

L'HOMME, Marie Claude. **La terminologie: principes et techniques**. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2004.

MARINI, Sátia. **Da tradução terminológica em glossário temático na área de saúde suplementar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

MASCARENHAS, José Rubens. A retórica chauvinista do "espírito americano". **Lutas Sociais**. ISSN 1415-854X, n. 13/14, p. 182-185, 2005.

MCCARTHY, Michael. **Touchstone: from corpus to course book**. Cambridge University Press: 2004, p. 1

MELO, Valdir. **Análise estratégica:** um campo de estudos para formulação e execução de políticas públicas. 2015, p.18.

MIRALLES, Alicia Silvestre. **Materiales:** la traducción de textos técnicos y científicos em ELE (português-español, español-português). Brasília: Consejería de Educación de la Embajada de España, Secretaría General Técnica, 2013.

NASCIMENTO, Reneé Batista. Ensaio da Introdução às Relações Internacionais. **Caderno de Relações Internacionais** v.3, n. 4, 2012, p.68.

NYE, Jr. Joseph S. **Bound to Lead:** the Changing Nature of American Power. Basic Books: New York, 1990, p.vii-ix.

_____. **Compreender os conflitos internacionais.** Lisboa: Gradiva, 2002.

_____. **Paradoxo do Poder Americano.** São Paulo: Editora Unesp, 2002.

_____. **Soft Power:** the Means to Success in World Politics. Public Affairs: New York, 2004.

_____. **The Paradox of American Power:** why the world's only superpower can't go it alone. Oxford University Press: New York, 2002, p.ix.

_____. **Understanding International Conflicts:** an Introduction to Theory and History. Longman, 3. ed, 2000, p. v-viii.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.) **As Ciências do Léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Rafael Santos de. O soft power nas novas mídias das relações internacionais. **Cadernos Adenauer XV.** n. 4, p.45-65. Disponível em: < <http://www.kas.de/wf/doc/16472-1442-5-30.pdf>> Acesso em: 28/01/2017.

ORTIGOZA, Arelis Felipe; DURÃO, Adja Balbino de Amorim Balbieri. A linguística contrastiva como base para o entendimento da ideologia subjacente em livros didáticos e dicionários. In: DURÃO, Adja B. (org.) **Por uma Lexicografia bilíngue contrastiva.** Londrina: UEL, 2009, p.153.

OXFORD. **Dicionário Oxford para estudantes brasileiros de inglês- português-inglês, inglês-português.** Oxford University Press. Oxford, 2007.

PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio. **Traduzir com Autonomia:** estratégias para o leitor em formação. São Paulo: Contexto, 2014.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. **Manual de Terminologia.** Tradução de Enilde Faulstich. Direção de Terminologia e Tradução e Departamento de Tradução do Governo Canadense, 2002.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às Relações Internacionais** – temas, atores e visões. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

PEREIRA, Alice Theresinha Cybis; SCHMITT, Valdenise; DIAS, Maria Regina Álvares C. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem.** PUCRS, 2007. Disponível em:

<http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/artigos/ava/2259532.pdf> Acesso em: 11/10/16.

POLETTO, Ricardo dos Santos. Resenha do Dicionário de Relações Internacionais. **Revista Brasileira de Política Internacional**. v. 49, n. 1 Brasília Jan/Jun 2006 On-line version ISSN 1983-3121. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292006000100014> > Acesso em: 04/10/16.

POZA, José Alberto M. Consideraciones teóricas acerca de los conceptos de lexicografía, lexicología, semántica, significado y sentido. In: DURÃO, Adja B. (org.). **Por uma Lexicografia bilíngue contrastiva**. Londrina: UEL, 2009

REIS, Bruno Cardoso. O poder e as relações internacionais: Entrevista com Joseph Nye. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 31, p. 181-190, set. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992011000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29/11/2016.

REPERTÓRIO DE POLÍTICA EXTERNA- 2015-2016. Disponível em: <www.funag.br>. Acesso em 20/05/16.

REVISTA SOCIEDADE MILITAR. Soft power, hard power e hegemonia. 26/12/2013. Disponível em: < <http://www.sociedademilitar.com.br/index.php/joomla-overview/829-soft-power-hard-power-e-hegemonia.html>>. Acesso em: 28/01/2017.

ROSCOE-BESSA, Christiane; SANTOS, Cynthia Ann Bell; LAMBERTI, Flávia. **A Tradução em contextos especializados**. Editora Verdana, 2015.

SACCONI, Luis Antonio. **Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa**: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SANTORO, Maurício. O futuro do poder. **Revista Amálgama**, 26 abr 2012. Disponível em: <<http://www.revistaamalgama.com.br/04/2012/o-futuro-do-poder-joseph-nye-jr/>> Acesso em: 28/11/2016.

SARAIVA, José Flávio Sombra; CERVO, Amado Luiz. **O Crescimento das Relações Internacionais no Brasil**. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI), 2005.

SARFATI, Gilberto. Os limites do poder das empresas multinacionais—o caso do protocolo de Cartagena. **Ambiente & Sociedade**, v. 11, n. 1, p. 117-130, 2008. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Gilberto_Sarfati/publication/250022326_Os_limites_do_poder_das_empresas_multinacionais_o_caso_do_Protocolo_de_Cartagena/links/54cbc2cb0cf24601c08980df.pdf > Acesso em: 28/11/2016.

SATO, Eiiti. **Os cursos de Relações Internacionais e as perspectivas profissionais no Brasil**. Apresentação feita para o curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Jorge Amado em 17 de abril de 2015. Salvador, BA.

SEARLE, John R. **The Construction of Social Reality**. New York: The Free Press, 1995.

SIGNER, Rena. **Dicionário Brasileiro de Relações Internacionais**. Oficina de Textos, 2001.

SOFT POWER. In: FRANÇA, Luiz. **Análise Global**. Disponível em: <<https://analiseglobal.wordpress.com/author/betofranca/page/4/>>. Acesso em 20 set.2016.

SOUTO MAIOR, Luiz A. P. O Brasil e o regionalismo continental frente a uma ordem mundial em transição. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 49, n. 2, 2006.

STREHLER, René Gottlieb; GOROVITZ, Sabine. **Manual do RepLET**: acompanhado de elementos de lexicologia e de terminologia. Brasília: Centro Editorial, 2011. 98p.

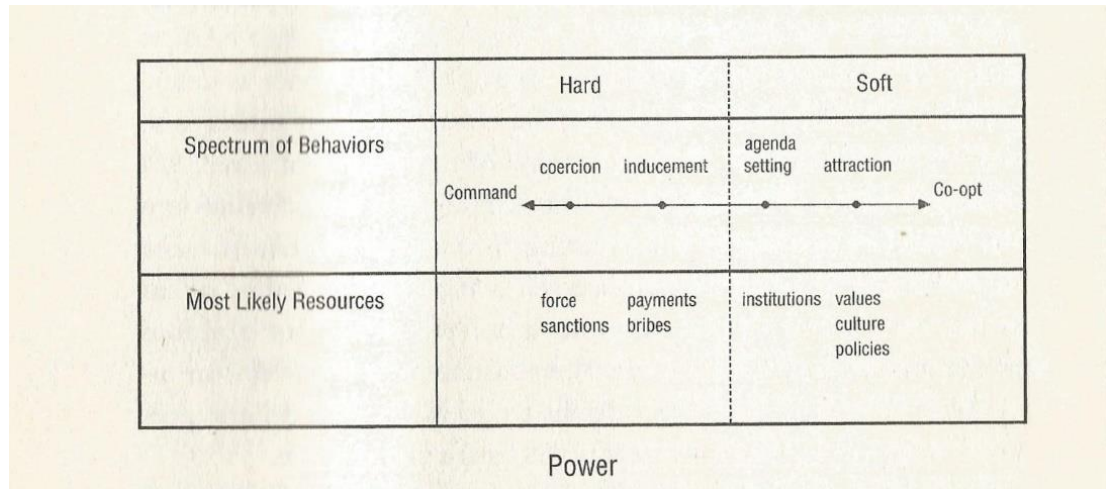
SUPPO, Hugo R. A importância do chamado soft power no paradigma realista clássico. **Mural Internacional**, v. 2, n. 2, p. 47-52, 2011. Acesso em: 28/01/2017.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. A Evolução da Produção Intelectual e dos Estudos Acadêmicos de Relações Internacionais no Brasil. In: SARAIVA, José Flavio Sombra; CERVO, Amado Luiz. **O Crescimento das Relações Internacionais no Brasil**. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI), 2005. p.17-32

WELKER, Herbert Andreas. **O uso de dicionários**: panorama geral das pesquisas empíricas. Brasília: Thesaurus, 2006, 490p.

WIKIPEDIA. Disponível em <<http://pt.m.wikipedia.org>>. Acesso em: 08/06/16.

ANEXO A – Associação entre comportamentos e recursos que geram *hard* e *soft* power



Espectro de comportamentos e recursos associados a *soft* e *hard* power (NYE, 2004, p.8).